

Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia Clínica

Dissertação

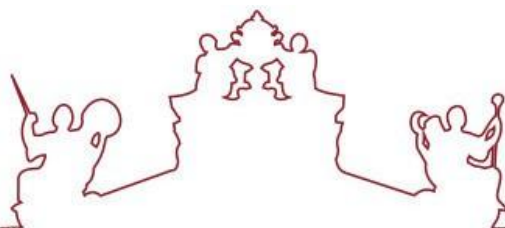
**Tipo de Vínculo e Atitudes em relação aos Migrantes e
Grupos Étnicos: Estudo Exploratório na Cidade de Évora**

Beatriz Isabel Seragoça Rosa

Orientador(es) | Maria de Fátima Bernardo

Évora 2025





Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia Clínica

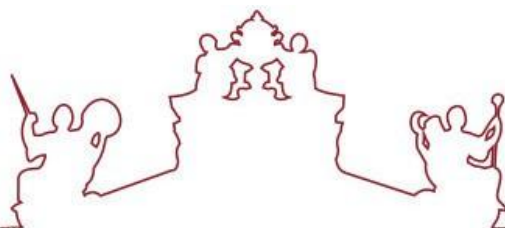
Dissertação

**Tipo de Vínculo e Atitudes em relação aos Migrantes e
Grupos Étnicos: Estudo Exploratório na Cidade de Évora**

Beatriz Isabel Seragoça Rosa

Orientador(es) | Maria de Fátima Bernardo

Évora 2025



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Heldemerina Samutelela Pires (Universidade de Évora)

Vogais | Ana Luisa Cardoso Marques Teixeira Loureiro (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias) (Arguente)
Maria de Fátima Bernardo (Universidade de Évora) (Orientador)

Agradecimentos

Uma das coisas que faz cada um de nós ser como somos, é a ligação que temos com as pessoas que nos são próximas e que de alguma forma são importantes para nós. Assim, desejo exprimir os meus agradecimentos a todos aqueles que, de alguma forma, permitiram que esta dissertação se concretizasse.

Em primeiro lugar, quero agradecer aos meus pais, aos meus avós, ao meu irmão e à minha melhor amiga Beatriz por sempre me terem apoiado, tanto emocionalmente como financeiramente, por nunca me terem deixado desistir nos momentos mais difíceis e por me terem sempre encorajado a alcançar os meus objetivos. São os meus grandes pilares, e por isso, agradeço toda a confiança, força e amor que me deram, sem eles nada disto seria possível.

Em segundo lugar, quero dar um especial agradecimento à professora Fátima pelo seu apoio e disponibilidade incondicional desde o primeiro momento, os seus incentivos fizeram com que fosse possível acreditar que chegaria ao fim desta etapa.

Por último, mas não menos importante, quero agradecer às minhas amigas que sempre me apoiaram e deram força para que tudo isto fosse possível, por estarem sempre ao meu lado a dar-me a motivação que precisava durante esta etapa da minha vida. Agradecer principalmente às minhas amigas, Miriam e Lara, que tive o prazer de conhecer durante o meu percurso académico e que acompanharam bem de perto todo o meu crescimento, tornaram este percurso numa etapa repleta de boas memórias que sempre irei guardar, sem vocês esta caminhada teria sido ainda mais difícil.

A todas as pessoas envolvidas, um enorme obrigado por tudo.

Tipo de Vínculo e Atitudes em relação aos Migrantes e Grupos Étnicos: Estudo
Exploratório na Cidade de Évora

Resumo

A área de residência de cada indivíduo além de ser uma importante fonte de categorização social, representa ligações afetivas que os seres humanos estabelecem com os lugares, e pode afetar a abertura a grupos externos. Assim, o objetivo deste trabalho, partindo dos 3 tipos de vínculo ao lugar identificados por Lewicka (2011b): tradicional, ativo e relativo, foi explorar que variáveis podem ser preditores importantes de cada tipo de vínculo ao lugar, e se o tipo de vínculo influencia as atitudes intergrupais para com grupos geográfica e etnicamente diferentes. Foi aplicado um questionário a 215 residentes da cidade de Évora para avaliar a identidade ao lugar, satisfação, vínculo ao lugar, motivos de identidade, bem-estar e atitudes intergrupais. Os resultados mostraram que a identidade ao lugar, tempo de residência, distintividade, idade e autoestima são preditores importantes do vínculo tradicional e ativo. Confirmámos ainda que não existiram correlações negativas significativas entre o vínculo tradicional e a abertura aos grupos externos, mas por outro lado, descobrimos que os residentes ativamente vinculados demonstram uma maior aceitação à chegada de outros grupos. Estas descobertas indicam que existem vários fatores que podem impactar o vínculo ao lugar e que o tipo de vinculação com o local de residência pode ajudar a compreender as interações entre grupos.

Palavras Chaves: Vínculo ao Lugar; Identidade ao Lugar; Atitudes Intergrupais; Migrantes.

Type of Attachment and Attitudes towards Migrants and Ethnic Groups: Exploratory Study in the City of Évora

Abstract

In addition to being an important source of social categorization, an individual's area of residence represents the emotional bonds that human beings establish with places and can affect openness to external groups. Thus, the aim of this study, based on the three types of attachment to place identified by Lewicka (2011b): traditional, active and relative, was to explore which variables may be important predictors of each type of attachment to place, and whether the type of attachment influences intergroup attitudes towards geographically and ethnically different groups. A questionnaire was administered to 215 residents of the city of Évora to assess place identity, satisfaction, place attachment, identity motives, well-being and intergroup attitudes. The results showed that place identity, length of residence, distinctiveness, age and self-esteem are important predictors of traditional and active attachment. We also confirmed that there were no significant negative correlations between traditional attachment and openness to outside groups, but on the other hand, we found that actively attached residents show greater acceptance of the arrival of other groups. These findings indicate that there are several factors that can impact attachment to place and that the type of attachment to the place of residence can help to understand interactions between groups.

Keywords: Attachment to Place; Identity to Place; Intergroup Attitudes; Migrants.

Índice

Agradecimentos	i
Resumo	ii
Abstract.....	iii
1. Introdução	1
2. Enquadramento Teórico	2
2.1. Vínculo ao Lugar.....	2
2.2. Teorias Psicológicas referentes à Identidade de Lugar	5
2.2.1. Teoria da Identidade de Lugar	5
2.2.2. Teoria do Processo de Identidade.....	6
2.3. Identidade, Vínculo e Atitudes Intergrupais	7
2.4. Satisfação Residencial	9
2.5. Bem-estar	11
3. Objetivo do Estudo	12
3.1. Hipóteses do Estudo	12
4. Método	13
4.1. Participantes	13
4.2. Recolha de Dados	14
4.3. Procedimentos e Instrumentos	15
5. Análise da Consistência Interna dos Instrumentos	16
6. Resultados	17
7. Discussão	25
8. Conclusões	31
Referências Bibliográficas	32

Índice de Tabelas

Tabela 1. Distribuições das médias e frequências das características demográficas dos participantes	14
Tabela 2. Alpha de Cronbach	16
Tabela 3. Análise Fatorial dos itens da escala de vínculo ao lugar	17
Tabela 4. Médias e desvios padrões das variáveis (escala de 1-7).....	18
Tabela 5. Regressão em relação ao vínculo tradicional	19
Tabela 6. Regressão em relação ao vínculo ativo.....	20
Tabela 7. Correlações e significâncias dos tipos de vínculos e as respostas à questão “Em medida considera que pessoas dessas nacionalidades se encaixam em Évora?”	21
Tabela 8. Regressão em relação aos cidadãos Europeus.....	22
Tabela 9. Regressão em relação aos cidadãos Asiáticos	23
Tabela 10. Regressão em relação aos cidadãos dos Países de Língua Oficial Portuguesa.....	23
Tabela 11. Regressão em relação aos cidadãos dos Países de Língua Não Oficial Portuguesa.....	23
Tabela 12. Regressão em relação aos Portugueses	23
Tabela 13. Regressão em relação aos Brasileiros	23
Tabela 14. Regressão em relação aos Ciganos.....	24
Tabela 15. Regressão em relação ao bem-estar.....	24

Índice de Anexos

Anexo A. Termo de Consentimento Informado.....	42
Anexo B. Questionário.....	43

Lista Braquigráfica

TIS - Teoria da Identidade Social

TPI - Teoria do Processo de Identidade

BES - Bem-estar Subjetivo

BEP - Bem-estar Psicológico

1. Introdução

Desde os anos 60 que se tem estudado a forma como os sujeitos se conectam e se identificam com um lugar, como lhe atribuem significados e como são criadas as narrativas que fazem parte da sua individualidade (Billig, 2021). As pessoas veem os lugares de residência com significado porque estabelecem ligações afetivas com eles e porque são simultaneamente repositórios de memórias autobiográficas que trazem conforto e segurança (Lewicka, 2011a).

O vínculo ao lugar que os residentes estabelecem com o seu local de residência está normalmente associado ao desejo de proteger o seu local contra mudanças indesejáveis (Wnuk & Olesky, 2021). No entanto, com o atual contexto internacional, temos assistido a um aumento da vaga de migrantes e refugiados a deixar o seu lugar de vinculação e a procurar abrigo noutros países, nomeadamente na Europa (Wnuk et al., 2023).

A migração é definida pela movimentação de indivíduos através de uma fronteira internacional ou dentro de um Estado longe do seu local de residência, independentemente do seu estatuto legal, desse movimento ser voluntário ou involuntário, das causas desse movimento, ou da duração da estadia (IOM, 2019). Estas crises migratórias acarretam um grande impacto nos países de acolhimento pois as mudanças existentes nos mesmos, origina grandes desafios na gestão das cidades e do urbanismo (Wnuk et al., 2023). Estas mudanças sociais que tendem a existir nos locais de residência, têm maior impacto em países, ou regiões, que tenham uma população mais homogénea e com pouca convivência com grupos geográfica e etnicamente diferentes, pois sendo que o local onde vivemos está associado a um sentimento de segurança e conforto, a presença destes grupos externos, além de poder invocar sentimentos de perda e raiva associados a estas mudanças ambientais forçadas (Wnuk et al., 2023), pode também afetar a satisfação e bem-estar dos residentes. Se o bairro de residência detiver uma conotação negativa, os indivíduos não se irão sentir satisfeitos por lá viverem, pois irão sentir que não pertencem ao mesmo, e irão experienciar sentimentos de vergonha, humilhação, angústia social e frustração (Otero et al., 2023).

Apesar de ser ter vindo a verificar em muitas situações que os habitantes das cidades passam a exibir atitudes negativas relativamente à presença de grupos exteriores, estudos prévios têm mostrado que os diferentes tipos de vínculo ao lugar têm impacto na abertura em relação às mudanças que acontecem nos locais, nomeadamente, em alterações na população residente e mais concretamente, na disponibilidade para aceitarem a presença

de migrantes (Wnuk et al., 2023; Alba & Batel, 2024). Desta forma, com esta investigação pretendemos investigar se o tipo de vinculação que temos com o nosso local de residência influencia as atitudes que os residentes tem para com grupos externos e que variáveis podem ser preditores importantes do tipo de vínculo ao lugar.

2. Enquadramento Teórico

2.1. Vínculo ao Lugar

A ligação que os indivíduos estabelecem com os lugares há muito que tem vindo a ser estudada na literatura, e sabemos hoje em dia que o conceito de vínculo ao lugar é um conceito fulcral para percebermos a importância que os lugares desempenham na vida de cada um de nós.

De forma geral, o vínculo ao lugar tem como característica principal o desejo de proximidade com o seu objeto de vinculação, sendo assim definido pela ligação afetiva que os indivíduos estabelecem com certos ambientes por se sentirem seguros e por sentirem que pertencem a esse mesmo lugar (Hidalgo & Hernández, 2001). Desta forma, os sujeitos evitam afastar-se do seu lugar de vinculação e sentem saudades quando estão longe (Giuliani, 2003). Esta ligação afetiva que é estabelecida com determinados lugares pode variar consoante o tamanho e a função que esse ambiente desempenha na vida dos indivíduos, ou seja, uma pessoa pode sentir-se conectada a lugares de pequena ou grande dimensão, com características bastante distintas, porque esta ligação irá depender de variáveis como o tempo de residência, os significados partilhados e da pertença a grupos sociais (Hay, 1998).

Apesar de haver concordância no que toca à característica central do vínculo ao lugar, existem várias conceitualizações que pretendem descrever as suas diferentes formas e dimensões. Por exemplo, Williams e Vaske (2003) na sua forma de descrever o vínculo ao lugar, fazem uma distinção entre a identidade de lugar, que segundo estes refere-se a laços emocionais com um determinado local, e dependência de lugar, que por sua vez corresponde a uma atitude instrumental e pragmática. Já Hidalgo e Hernandez (2001) na sua conceitualização que se tornou importante na investigação do vínculo em zonas de elevada satisfação, fazem uma distinção entre vínculo social, que corresponde ao vínculo com a comunidade no local de residência, e vínculo físico, que diz respeito às características físicas do local de residência. Ainda que sejam encontradas várias conceitualizações deste conceito na literatura, a que tem vindo a ser apontada como sendo

a mais importante é a de David Hummon (Lewicka, 2011b). Hummon (1992) na sua tipologia descreveu cinco possíveis formas de as pessoas se vincularem aos seus locais de residência, sendo que duas delas são tipos de enraizamento (quotidiano e ideológico) e as restantes três são tipos de sentimento (alienação, relatividade e ausência de lugar). Os tipos de enraizamento traduzem-se em pessoas que tem um grande vínculo com o seu local de residência, mas enquanto o enraizamento quotidiano descreve indivíduos que consideram que o seu local de residência está garantido, pois foi onde nasceram e viveram grande parte da sua vida e por isso não se comparam com outros locais, estando satisfeitos com a sua condição atual, o enraizamento ideológico remete-nos para indivíduos que tomam decisões conscientes e ativas relativas ao seu local de residência (Lewicka, 2011b). Enquanto no enraizamento quotidiano as pessoas são conformistas e não tomam decisões ativas sobre o sítio onde moram, no enraizamento ideológico, os indivíduos escolhem de forma deliberada o seu local de residência e participam ativamente nos seus acontecimentos (Lewicka, 2013). Falando agora dos tipos de sentimento, estes caracterizam indivíduos que não têm qualquer vínculo com o local de residência. A alienação costuma estar associada a uma insatisfação com o local de residência e a um desejo de mudança; a relatividade diz respeito à aceitação condicional e à ambivalência que os indivíduos têm para com o seu local de residência; e finalmente, temos a ausência de lugar, que se refere a uma profunda indiferença que os indivíduos têm relativamente ao seu lugar de residência, não vendo qualquer razão em criar ligações emocionais com os lugares (Lewicka, 2011b; Lewicka, 2013).

Com o passar dos anos, tem havido um aumento nas publicações científicas sobre esta temática, e na literatura mais recente, Lewicka (2011b) desenvolveu uma tipologia sobre o vínculo ao lugar, baseada na tipologia de Hummon (1992), na qual identificou três diferentes formas das pessoas se relacionarem com os lugares, sendo estas, a tradicional, ativa e relativa. Quando falamos de vínculo tradicional referimo-nos a uma conexão emocional estável e duradora que os indivíduos estabelecem com os lugares que lhes são familiares. As pessoas tradicionalmente ligadas ao lugar costumam pontuar alto em valores conservadores pois costumam ser residentes fixos com um forte sentimento de pertença, identidade e enraizamento ao local onde vivem e por isso, não se imaginam a deixar esse lugar mesmo que outros ofereçam uma melhor qualidade de vida. Na maioria das vezes, este tipo de vínculo é influenciado pelas memórias e experiências que os indivíduos acumularam naquele lugar (Lewicka, 2011b; Wnuk & Olseky, 2021).

Por outro lado, o vínculo ativo diz respeito às interações constantes que os indivíduos têm com um determinado lugar, com o objetivo de explorar as oportunidades que este oferece. Neste tipo de vínculo os sujeitos moldam ativamente os lugares que habitam e são moldados por esses mesmos lugares, sendo então considerados co-criadores desses mesmos ambientes (Lewicka, 2013). A vinculação ativa em investigações recentes foi considerada um preditor positivo da atividade pró-vizinhança (Ja'skiewicz & Besta, 2018), e de ações contra mudanças indesejadas no local de residência (Bailey et al., 2016). Por último, o terceiro tipo de vínculo é a relatividade ao lugar. Este postula que é mais importante o modo de viver do que propriamente o local onde se vive, uma vez que acredita que o local de residência tem um impacto mínimo na formação de experiências e no bem-estar dos indivíduos (Lewicka, 2013; Wnuk & Olseky, 2021).

Sendo que o vínculo ao lugar é definido pela ligação afetiva que os indivíduos estabelecem com certos ambientes, torna-se pertinente explorar que características os locais têm de ter para que possam ser considerados preditores da vinculação ao lugar. Segundo a literatura, o preditor mais importante na vinculação ao lugar é o tempo de residência. Tem vindo a ser encontrado em inúmeros estudos uma relação linear entre a vinculação e o tempo de residência, pois quanto mais tempo os indivíduos residem naquele lugar, mais se sentem ligados ao mesmo, devido à força dos laços locais que se vão estabelecendo (Lewicka, 2010; Lalli, 1992).

Existem ainda outros preditores sociodemográficos, como é o caso do estatuto socioeconómico, da educação e da idade, que podem estar correlacionados, tanto positivamente, como negativamente com o vínculo ao lugar. Lewicka (2011b) verificou que a relação entre a vinculação ao lugar e a idade e a educação, pode variar conforme o tipo de vinculação. O vínculo tradicional estava fortemente correlacionado de forma negativa com a educação e positivamente relacionado com a idade, enquanto que, o vínculo ativo, exibiu uma relação em forma de U invertido com a idade e uma relação linear positiva com a educação.

Para além destes preditores sociodemográficos, podemos também encontrar preditores sociais que influenciam positivamente o vínculo ao lugar, como é o caso dos laços comunitários (Lewicka, 2011a). Scopelliti e Tiberio (2010) na sua investigação com estudantes de Roma, descobriram que as saudades de casa foram preditas pela perceção da força dos laços comunitários na cidade de origem. Este achado está em consonância

com o estudo de Lewicka (2010), onde averiguou que as relações íntimas com os vizinhos, previam não só o vínculo com a sua casa e com o seu bairro, mas também com a cidade.

Por último, a literatura mostra-nos que existem alguns preditores físicos que podem afetar a qualidade do vínculo ao lugar. As características físicas que mais impactam a vinculação com o lugar de residência são o acesso à natureza, a qualidade da habitação, a sensação de segurança, os serviços municipais e a sensação de comunidade (Lewicka, 2011a). Estas características podem contribuir para os contactos sociais entre os residentes, o que por sua vez, influencia o vínculo ao lugar, tal como mostrado no estudo de Sugihara e Evans (2000), onde descobriram que os melhores indicadores de vinculação numa comunidade de residentes reformados, eram as características físicas como a proximidade ao edifício central, a distância funcional entre vizinhos e o acesso a um jardim exterior compartilhado.

2.2. Teorias Psicológicas referentes à Identidade de Lugar

2.2.1. Teoria da Identidade de Lugar

A identidade de lugar, à semelhança do vínculo ao lugar, não tem grande concordância na literatura relativamente ao seu conceito e construtos que a constituem. Contudo, vários autores consideram que esta é um dos aspetos da identidade social, pois o local onde vivemos não deixa de ser um espaço de socialização (Fleury-Bahi et al., 2008) e uma forma de categorização social (Bernardo & Palma-Oliveira, 2016a). Assim, a identidade ao lugar é vista como um processo de autocategorização em que o indivíduo tem um sentimento de pertença a grupos geograficamente definidos e com os quais se identifica (Bernardo & Palma-Oliveira, 2016a).

Para entendermos a identidade de lugar como um dos aspetos da identidade social é importante compreender o que é a Teoria da Identidade Social (TIS). A TIS (Tajfel, 1978; Tajfel & Turner, 1979) postula que quando pensamos sobre nós próprios, normalmente referimos traços individuais, sentimentos e/ou comportamentos que podem estar relacionados com os nossos grupos de pertença, como o género, a afiliação política, grupos étnicos ou outras categorias sociais em que estamos inseridos. Segundo esta teoria, são estes pensamentos que nos fornecem informação sobre nós próprios e nos ajudam a definir quem somos. Neste contexto, os indivíduos nas suas perceções, comportamentos e julgamentos, interpretam a informação de modo a proteger o seu sistema de valores e crenças, e consequentemente o sentimento de superioridade relativa do seu próprio grupo

em detrimento dos outros grupos (Tajfel, 1978; Tajfel & Turner, 1979). Deste modo, esta comparação social que os indivíduos fazem com o grupo externo, serve para os mesmos conseguirem uma diferenciação intergrupar a fim de alcançarem uma autoavaliação positiva da sua identidade (Bernardo & Palma-Oliveira, 2016a).

Os lugares são elementos importantes da identidade dos seres humanos uma vez que integram significados sociais. Segundo Breakwell (1986), estes significados sociais surgem porque os lugares representam tanto memórias pessoais (e.g., um determinado restaurante pode estar associado ao primeiro amor), como se situam na matriz sócio histórica das relações intergrupais, e por isso têm representações para toda a nação (e.g., o memorial aos judeus mortos da Europa) (Twigger-Ross et al., 2003). Os lugares são um repositório de experiências passadas, e por isso, às vezes, pode ser pertinente a identidade do próprio local ser reconstruída, por exemplo, se o facto de ter crescido numa determinada área ameaçar a minha autoestima, posso negar aquele lugar como um componente importante da minha identidade ou redefinir o significado daquele lugar. Da mesma forma, investigações mostram que por vezes os indivíduos deslocam-se para lugares específicos com o propósito de aumentar ou manter a sua identidade social positiva, sugerindo então, que a identidade social tem implicações que estão relacionados com o lugar (Twigger-Ross et al., 2003).

2.2.2. Teoria do Processo de Identidade

A identidade de cada ser humano envolve a sua pertença a determinados grupos sociais e esta também intrinsecamente ligada a características pessoais e únicas de cada indivíduo, que formam a chamada “identidade pessoal” (Twigger-Ross et al., 2003).

Uma das teorias mais notórias no que respeita à identidade pessoal é a Teoria do Processo de Identidade (TPI) (Breakwell, 1986). Esta teoria sugere que a identidade é o produto de uma interação dinâmica entre a memória, a consciência e a organização mental, juntamente com as estruturas físicas e sociais. Dessa forma, como a identidade está relacionada aos processos psicológicos, pode ser compreendida tanto em termos da sua estrutura, quanto dos processos que a moldam. Quanto à estrutura, a identidade pode ser descrita em duas dimensões, conteúdo e valor. A dimensão do conteúdo diz respeito às características, que no seu conjunto, marcam o indivíduo como um ser único. Cada um dos elementos da dimensão do conteúdo é avaliado de forma positiva ou negativa, e são estas avaliações que formam a dimensão de valor da identidade, que pode ser reavaliada mediante alterações nos sistemas de valores sociais e modificações da posição do próprio

sujeito relativamente a esses valores sociais. Os dois processos psicológicos universais que regulam a estrutura de identidade são a acomodação-assimilação e a avaliação. A assimilação está relacionada com a aquisição de novos componentes na estrutura da identidade. Por sua vez, a acomodação refere-se à adaptação que tem de existir na estrutura de identidade existente, de forma a encontrar lugar para os novos elementos. O processo de avaliação dos elementos da identidade obriga a que haja uma atribuição de valores e significados aos conteúdos novos e antigos da identidade (Twigger-Ross et al., 2003).

De forma a que a estrutura da identidade alcance os resultados desejáveis, os processos psicológicos referidos anteriormente devem ser orientados por quatro princípios, a continuidade, distintividade, autoestima e autoeficácia (Breakwell, 1986).

A continuidade diz respeito ao desejo de preservar a conexão existente entre o passado, presente e futuro, perante situações adversas (Vignoles et al., 2002). Deste modo, uma alteração no local de residência pode alterar aspetos da identidade do próprio indivíduo (Timotijevic & Breakwell, 2000).

No princípio da distintividade, os indivíduos tentam estabelecer e manter um senso de diferenciação em relação aos outros (Breakwell, 1986). Contudo, esta distintividade não deve ser apenas valorizada pelo próprio, mas também pela sociedade (Speller et al., 2002).

A autoestima é definida pela avaliação positiva que o indivíduo tem de si próprio e do grupo ao qual pertence (Twigger-Ross & Uzzell, 1996). Assim, pode ser vista como um indicador subjetivo do grau de aceitação e valorização social, e por isso, os indivíduos de forma a manterem uma identidade satisfatória, tendem a enviesar positivamente a comparação para si e para o seu grupo, de forma a preservar a sua autoestima (Janeiro, 2006).

O quarto princípio, a autoeficácia, refere-se à confiança que o indivíduo tem nas suas capacidades para enfrentar as adversidades que possam surgir, de forma a conseguir alcançar os seus objetivos (Twigger-Ross & Uzzell, 1996).

2.3. Identidade, Vínculo e Atitudes Intergrupais

Como já vimos, a área geográfica pode de facto ser uma importante fonte de categorização social para cada indivíduo, e por isso, torna-se pertinente compreender o impacto que o local de residência tem na perceção relativamente aos grupos externos.

Sendo que a identidade local pode ser definida num contexto intergrupar através de comparações sociais entre o nosso grupo e outro grupo relevante, é necessário que os sujeitos adotem um comportamento intergrupar cujo propósito é beneficiar o grupo interno e discriminar o grupo externo (Twigger- Ross et al., 2003). De forma a obter esta distintividade positiva, os membros de cada grupo podem usar várias estratégias, como é o caso do favoritismo intergrupar, da assimilação ou da separação (Bernardo & Palma-Oliveira, 2016a).

Um estudo de Bernardo e Palma-Oliveira (2016a), onde avaliam o favoritismo intergrupar, revela que os próprios residentes do bairro avaliam melhor o mesmo, comparativamente com os não residentes. Este resultado está em consonância com outras investigações, onde averiguaram que a identificação com um determinado lugar está associada ao desejo dos indivíduos em expressar atitudes positivas em relação ao lugar onde pertencem (Bonaiuto et al., 1996). Ainda no estudo de Bernardo e Palma-Oliveira (2016a), descobriram que bairros que relatam uma identidade de lugar baixa e uma qualidade percebida do bairro baixa, não usam comparações sociais para obter uma distintividade positiva e tendem antes a aproximarem-se de outros grupos como forma de aumentar a sua identidade social. Assim, estes grupos como não são melhores que os outros, assimilam as suas características para serem tão bons quanto eles. Em contrapartida, bairros que possuem uma identidade de lugar alta, assim como uma percepção de qualidade do mesmo, costumam relatar uma maior diferenciação intergrupar e distanciamento em relação aos outros bairros. Portanto, grupos cuja identidade seja baixa, usam estratégias de assimilação/aproximação a grupos que socialmente sejam perçecionados como sendo positivos, enquanto que, grupos que tenham uma identidade alta, usam estratégias de separação em relação a grupos que sejam vistos como negativos (Bernardo & Palma-Oliveira, 2016a).

Além da identidade de lugar ter um impacto na percepção dos grupos externos, o vínculo ao lugar também desempenha um papel crucial. A vinculação ao lugar pode tanto estar associada a uma menor aceitação dos grupos externos e atuar como um preditor de distanciamento social, de forma a evitar mudanças indesejáveis no local, como pode estar relacionada a uma maior aceitação de novos moradores (Aleshinloye et al., 2019; Toruńczyk-Ruiz & Martinović, 2020). Um estudo realizado na Grã-Bretanha revelou que o vínculo ao lugar estava correlacionado com atitudes mais positivas em relação aos migrantes, mas o mesmo não se verificou numa investigação conduzida nos Países Baixos (Toruńczyk-Ruiz & Martinović, 2020; Nijs et al., 2019). Estas atitudes relativamente aos

grupos externos pode depender do tipo de vinculação que os sujeitos tenham com o lugar. Neste sentido, indivíduos tradicionalmente vinculados costumam ser mais velhos, menos educados e com um sentimento de pertença mais forte, resultado da sua duração no local de residência, não se imaginam a viver noutro lugar e por isso tendem a apresentar um elevado nível de territorialismo e atitudes negativas relativamente aos novos habitantes (Wnuk & Olesky, 2021). A vinculação ativa, por outro lado, é mais interessada pela história local e adapta-se com uma maior facilidade a diferentes circunstâncias e à chegada de grupos étnicos (Wnuk & Olesky, 2021), pois ao contrário das pessoas tradicionalmente vinculadas, não têm a necessidade de proteger o local de grupos externos (Wnuk et al., 2023). Em consonância com estes achados, está a investigação de Wnuk e Oleksy (2021) sobre o conflito de palestinianos e israelitas pela ocupação do território, onde aferiram que os israelitas tradicionalmente vinculados têm correlações positivas com o preconceito relativamente ao grupo externo (palestinianos), enquanto os israelitas ativamente vinculados, tendem a ter uma correlação negativa com o preconceito. Já a relatividade ao lugar, como supõe que para os indivíduos é mais importante como se vive do que onde se vive, não se correlaciona com as atitudes intergrupais.

2.4. Satisfação Residencial

O conceito de satisfação residencial tem sido definido de diferentes formas ao longo dos anos, mas segundo a literatura da atualidade, a satisfação residencial consiste nos gostos e sentimentos que os indivíduos desenvolvem com lugares onde têm uma vivência quotidiana. Esta resposta emocional, que pode ser tanto positiva como negativa, advém da comparação das características reais com as idealizadas do espaço residencial. Esta satisfação vai depender da realização das aspirações do indivíduo, quanto menor a discrepância entre a imagem real e idealizada, maior a satisfação residencial (Bonaiuto et al., 1996; Bonaiuto et al., 1999; Amérigo, 2002). Face à discrepância que pode existir, o ser humano passa a adotar certos comportamentos ou pensamentos, com o objetivo de modificar as suas aspirações consoante as circunstâncias, de forma a permitirem-lhe estar em consonância com o ambiente, pois este não é capaz de se sentir permanentemente insatisfeito (Amérigo, 2002).

Apesar de existirem vários domínios que promovem diretamente a satisfação residencial dos indivíduos, Goudy (1977) e Adams (1992), atribuem o maior destaque às dimensões sociais. Várias investigações comprovam que um dos fatores que está no

cerne de uma maior satisfação ao local de residência é a imagem social do bairro, pois além de ser importante a avaliação que os indivíduos fazem de si próprios e do bairro, também é importante a forma como os outros residentes veem o seu bairro (Permentier et al., 2011). O sentimento de pertença a um grupo que tenha uma posição elevada, acaba inevitavelmente por aumentar a satisfação e a felicidade dos indivíduos (Ellemers et al., 1988; Sachdev & Bourhis, 1987).

Relacionado com a imagem social do bairro, está o conceito de prestígio residencial percebido. O prestígio residencial percebido caracteriza-se pelas percepções que os próprios residentes têm da forma como as pessoas de fora do bairro veem o local onde vivem. Assim, estas percepções estão unicamente relacionadas com o valor que os habitantes conferem ao seu bairro, e por isso, os residentes podem perceber que o seu local de residência não tem as características positivas ou negativas que os outros atribuem (Andersen, 2008; Permentier et al., 2008; Otero et al., 2023). Quando temos uma identidade positiva relativa ao nosso bairro, tendemos a fazer um enviesamento positivo da percepção de qualidade do bairro, contudo, esse enviesamento nem sempre é suficiente para não perceber que os outros percebem o bairro como mau (Bernardo & Palma-Oliveira, 2016b).

Grande parte da literatura constata que a reputação positiva de um bairro é importante, uma vez que, pode representar indícios de riqueza e exclusividade, e canalizar o poder dos grupos dominantes (Evans & Lee, 2020; Otero et al., 2023). Além do mais, uma reputação positiva transmite uma imagem de sucesso, autoestima e reforça o sentimento de pertença ao bairro, pois os residentes ficam satisfeitos com a sua zona de residência e desejam lá permanecer (Otero et al., 2023). Desta forma, inúmeros estudos constataram que bairros onde moram indivíduos com um rendimento económico mais baixo, estão associados a um menor prestígio social, o que frequentemente contribui para uma menor identidade e satisfação ao lugar de residência (Bernardo & Palma-Oliveira, 2016a; Bonaiuto & Alves, 2012). Assim, indivíduos com um rendimento económico mais baixo que vivam num bairro com pouco prestígio, tendem a experienciar sentimentos de vergonha, humilhação, angústia social, frustração, em comparação com os que vivem numa zona mais prestigiada e tenham um rendimento económico mais alto (Contreras, 2017; Slater & Anderson, 2012; Wutich et al., 2014; Wang et al., 2019).

2.5. Bem-estar

O bem-estar é um termo que remonta à antiguidade clássica, mas que continua a ser mal definido por ser usado de forma indiscriminada com a felicidade e a qualidade de vida (Wang et al., 2019).

Nas concepções mais proeminentes sobre o bem-estar, este é organizado em duas perspectivas, o bem-estar hedônico e o bem-estar eudemônico (Ryan & Deci, 2001). O bem-estar hedônico ou como é concomitantemente conhecido, bem-estar subjetivo (BES), é um campo de estudo que pretende compreender as avaliações cognitivas que os indivíduos fazem das suas vidas (Diener et al., 1997). Estas avaliações cognitivas devem dizer respeito aos níveis de satisfação global dos sujeitos com as suas vidas e devem incluir uma análise pessoal sobre a frequência com que experimentam emoções positivas e negativas. Para que os sujeitos vivenciem um BES adequado, é necessário que mantenham um elevado nível de satisfação com a vida, uma alta frequência de experiências emocionais positivas e uma baixa frequência de experiências emocionais negativas (Siqueira & Padovam, 2008). Por sua vez, o bem-estar eudemônico, também apelidado de bem-estar psicológico (BEP), apoia a ideia de que o bem-estar está relacionado com experiências de desenvolvimento pessoal, autorrealização e sentido de vida dos sujeitos. Assim, esta forma de bem-estar acredita que para os indivíduos o experienciarem, devem levar uma vida com significado, agir em conformidade com os seus objetivos, desenvolverem-se a nível pessoal e realizarem o seu verdadeiro potencial (Ryff 1989; Waterman 1993).

Apesar de existirem duas formas de bem-estar, a maioria das evidências empíricas sobre os determinantes do bem-estar centra-se no BES, na satisfação com a vida e em medidas de felicidade (Kahneman et al., 2004). Vários estudos investigaram as dimensões físicas e sociais do espaço geográfico e descobriram que indicadores como a densidade populacional, o grau de urbanização, as condições de deslocação e a acessibilidade a serviços e instalações, estão correlacionados com diferenças no bem-estar e satisfação com a vida (Morrison, 2011; Arifwidodo, 2012). Ainda que haja o consenso de que a satisfação com a vida e a felicidade são mais baixas em ambientes mais densos e urbanizados, nas cidades de Londres e Bandung, é relatado um maior nível de bem-estar no centro das mesmas (MacKerron & Mourato, 2009; Arifwidodo, 2012).

Sendo que o BES depende da forma como os sujeitos se comparam em termos de circunstâncias de vida com os seus pares ou vizinhos (Twigger- Ross et al., 2003; Medeiros, 2013), várias investigações focaram-se em compreender os efeitos do rendimento económico nas avaliações da satisfação com a vida. Kahneman e Deaton (2010), no seu estudo concluíram que o baixo rendimento económico estava associado a uma baixa satisfação com a vida e à prevalência de emoções negativas, ao passo que o rendimento económico elevado só trazia uma grande satisfação com a vida até certo ponto. Recentemente, Stone et al. (2018) descobriram que o rendimento tem pouca ou nenhuma influência no grau em que as pessoas se sentem felizes, cansadas ou stressadas no âmbito das suas atividades diárias, contudo, a prevalência da dor e da tristeza estava negativamente correlacionada com o rendimento.

3. Objetivo do Estudo

O objetivo primordial desta investigação foi explorar a relação entre os diferentes tipo de vínculo ao lugar e as atitudes intergrupais que os habitantes de Évora têm para com os migrantes. Para tal, foi realizado um estudo de campo para verificar se o tipo de vínculo ao lugar (tradicional, ativo ou relativo) afeta de alguma maneira as atitudes que os residentes do concelho de Évora têm para com grupos sociais com diferentes origens geográficas e étnicas que vivem na cidade e se consideram que a presença destes, contribui ou não para a segurança da cidade, desenvolvimento económico e qualidade de vida. Ainda testámos se os motivos da identidade, identidade ao lugar e variáveis sociodemográficas como, idade, sexo, orientação política e perceção de estatuto socioeconómico, poderão estar na origem dos diferentes tipos de vínculo e averiguamos ainda, de que forma o bem-estar dos residentes de Évora é influenciado pela conexão ao lugar (identidade e vínculo), pela satisfação e pelos motivos de identidade.

3.1. Hipóteses do Estudo

H1: Identificar os preditores dos diferentes tipos de vínculo (tradicional, ativo e relativo) incluindo os motivos da identidade, identidade ao lugar e variáveis sociodemográficas como, idade, sexo, orientação política e perceção de estatuto socioeconómico.

H2: Em que medida o tipo de vínculo (tradicional, ativo e relativo) afeta a abertura em relação a outros grupos exteriores.

H2a: Espera-se que o vínculo tradicional apresente menor abertura em relação aos diferentes grupos estudados, em particular os mais distantes geográfica e culturalmente (cidadãos asiáticos) e os de menor prestígio (ciganos).

H2b: Espera-se que o vínculo ativo apresente maior abertura em relação aos diferentes grupos estudados, incluindo os mais distantes geográfica e culturalmente (cidadãos asiáticos) e os de menor prestígio (ciganos).

H2c: Espera-se que a relatividade ao lugar não esteja associada à abertura em relação aos diferentes grupos estudados, incluindo os mais distantes geográfica e culturalmente (cidadãos asiáticos) e os de menor prestígio (ciganos).

H3: Em que medida os residentes de Évora consideram que os grupos externos contribuem para a segurança da cidade, desenvolvimento económico e qualidade de vida.

H4: De que forma a conexão ao lugar (identidade e vínculo), satisfação e os motivos de identidade predizem o bem-estar.

4. Método

Nesta investigação recorreu-se a uma metodologia quantitativa, por via de um questionário online constituído por perguntas fechadas.

4.1. Participantes

Este estudo contempla uma amostra de 215 (N=215) indivíduos de nacionalidade portuguesa que residem no concelho de Évora há pelo menos 7 anos, dos quais 148 elementos são do sexo feminino (68.8%) e 67 do sexo masculino (31.2%). As idades dos participantes variam entre os 18 e os 88 anos (M=44.60; DP=17.699), sendo que, 50 dos participantes estão na faixa etária dos 18 aos 25 anos (23.3%), 58 na faixa etária dos 26 aos 45 anos (27.0%), 67 na faixa etária dos 46 aos 64 anos (31.2%) e 36 indivíduos acima dos 65 anos (16.7%). Relativamente ao nível de escolaridade, grande parte da amostra revelou ter licenciatura (36.3%), seguido pelo ensino secundário (31.2%) e mestrado (10.2%). O tempo médio de residência no concelho de Évora foi de 36.82 anos (DP=17.849, Min=7, Máx=88) (tabela 1).

Tabela 1.

Distribuições das médias e frequências das características demográficas dos participantes.

N=215	
Sexo (%)	
Feminino	68.8
Masculino	31.2
Idade (%)	
Média	44.60
DP	17.699
18 - 25 anos	23.3
26 - 45 anos	27.0
46 - 64 anos	31.2
Acima dos 65 anos	16.7
Educação (%)	
Licenciatura	36.3
Ensino Secundário	31.2
Mestrado	10.2
Tempo de Residência (%)	
Média	36.82
DP	17.849

4.2. Recolha de Dados

A recolha de dados iniciou-se no princípio do mês de maio de 2024 e terminou em meados de junho do mesmo ano. No entanto, por falta de participantes do sexo masculino, em outubro voltou-se a aplicar o instrumento. O questionário teve uma duração média de 15 minutos e foi aplicado apenas uma vez aos residentes do conselho de Évora, garantindo sempre a sua confidencialidade e anonimato (Anexo A).

As respostas ao questionário foram contabilizadas de forma online por meio da plataforma *LimeSurvey*. Os residentes foram contactados maioritariamente por email e *WhatsApp*, no entanto, a faixa etária acima dos 65 anos também foi abordada no centro da cidade durante o dia.

4.3. Procedimentos e Instrumentos

Tendo em conta o objetivo deste estudo, o questionário elaborado foi composto por sete partes, sendo que seis delas eram de respostas fechada com uma escala de resposta de tipo *Likert* de sete pontos (1= Discordo fortemente a 7= Concordo fortemente), enquanto a última parte era de resposta aberta e fechada, uma vez que dizia respeito aos dados sociodemográficos dos participantes.

A primeira parte do questionário, composta pela escala de identidade local, com quatro itens (Hernández et al., 2007 usada em língua portuguesa por Bernardo & Palma-Oliveira, 2016a) e pela escala de satisfação com a vizinhança, também com quatro itens (Leonardelli & Brewer, 2001 usada em língua portuguesa por Bernardo & Palma-Oliveira, 2016a), pretendeu avaliar a identidade de lugar e a satisfação dos residentes relativamente à cidade de Évora.

Para avaliar os tipos de vínculo ao lugar foi utilizada a escala de vínculo ao lugar (Place Attachment Type) (baseado em Lewicka, 2011b) com nove itens, sendo que, três dos itens dizem respeito ao vínculo tradicional (“*Mesmo que haja lugares melhores, não vou sair de Évora*”; “*Eu não consigo imaginar deixar Évora para sempre*”; “*Eu nunca considere que viver noutro lugar seria melhor*”), outros três itens ao vínculo ativo (“*Eu gosto de acompanhar as mudanças que acontecem neste lugar*”; “*Eu gosto de caminhar por Évora e descobrir novos lugares*”; “*De tempos a tempos descubro novos sítios em Évora*”), e os restantes itens à relatividade ao lugar (“*É mais importante para mim como vivo do que onde vivo*”; “*Eu não quero saber do local onde vivo*”; “*As pessoas não se devem apegar a nenhum lugar*”).

Na terceira parte do questionário, recorreu-se à escala motivos de identidade (Identity Motives) (baseado Smeekes & Verkuyte, 2013) de quinze itens, com o propósito de avaliar os motivos de identidade dos residentes de Évora à cidade. Os itens 1, 2 e 3 diziam respeito à variável “continuidade”, os 4, 5 e 6 referem-se à variável “sentimento de pertença”, os itens 7, 8 e 9 à variável “autoestima”, os itens 10, 11 e 12 correspondem à variável “autoeficácia” e por fim, os restantes itens estão associados à variável “distintividade”.

A última escala utilizada no questionário foi o índice de bem-estar da organização mundial de saúde (The WHO (10) well-being index) (baseada em Bech et al., 1996), que teve o propósito de medir o bem-estar dos residentes de Évora.

Para operacionalizar as atitudes ao grupo externo, foi pedido aos participantes que respondessem às questões: “ Em que medida considera que pessoas destas nacionalidades

se encaixam na cidade de Évora?” e “Em que medida considera que pessoas desta nacionalidades contribuem para (1) segurança da cidade; (2) desenvolvimento económico e (3) qualidade de vida”, tendo em conta os seguintes grupos: Cidadãos Europeus (Ex. Franceses, Romenos, Alemães); Cidadãos Asiáticos (Ex. Índia, Paquistão, Bangladesh); Cidadãos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Ex. Angola, Cabo Verde); Cidadãos dos Países Africanos de Língua Não Oficial Portuguesa (Ex. Marrocos, Nigéria); Portugueses; Brasileiros e Ciganos.

Para além das escalas anteriormente mencionadas, na última parte do questionário incluímos questões sociodemográficas, como a idade, sexo, nível educacional, local de residência, tempo de residência, entre outros. Os participantes foram ainda convidados a responder às perguntas: “Quando pensa em si, em que medida, se considera (1) eborense; (2) alentejano; (3) português e (4) europeu”; “Como definiria a sua orientação política” e “Pense numa ESCADA como representativa da forma como os Portugueses se distribuem socialmente. Em que degrau da escada, segundo uma escala de 1 até 10, se situa?” (Anexo B).

5. Análise da Consistência Interna dos Instrumentos

Relativamente ao tratamento e análise dos dados, estes foram introduzidos e tratados no programa *SPSS Statistics 24.0*. O tratamento estatístico iniciou-se pela análise da consistência interna (*Alpha de Cronbach*) das escalas presentes no questionário, pois a consistência interna remete-nos para a inter-relação dos itens em medir o mesmo constructo no instrumento (Tavakol & Dennick, 2011).

À exceção da subescala “Relatividade ao lugar” ($\alpha = 0.400$), as restantes apresentaram todas um alfa alto, o que nos confirma uma elevada confiabilidade dos instrumentos (tabela 2).

Tabela 2.

Alpha de Cronbach

	Nº de itens	α de Cronbach
Identidade ao lugar	4	.940
Satisfação ao lugar	4	.830
Vínculo ao lugar		
Vínculo tradicional	3	.873
Vínculo ativo	3	.782
Relatividade ao lugar	3	.400

Motivos de identidade		
Continuidade	3	.864
Sentimento de Pertença	3	.937
Autoestima	3	.934
Autoeficácia	3	.832
Distintividade	3	.923
Bem-estar	10	.836

6. Resultados

Após a obtenção dos alfas de cada escala, como verificámos que o mesmo da relatividade ao lugar era demasiado baixo, tal como aconteceu em estudos anteriores, nomeadamente, no estudo Wnuk e Oleksy (2021), decidimos realizar uma análise fatorial exploratória da escala dos tipos de vínculo.

Esta análise fatorial exploratória dos tipos de vínculo permitiu confirmar a existência de 3 fatores que explicam 67.376 da variância total, o que comprova a estrutura fatorial original (Lewicka, 2011b; Wnuk & Oleksy, 2021). O primeiro fator, que corresponde aos três primeiros itens da escala original, é o vínculo tradicional e explica 27.665 da variância. O segundo fator diz respeito aos três itens originais do vínculo ativo e explica 23.963 da variância. Por fim, temos o terceiro fator, sendo os três últimos itens da escala e que explica 15.748 da variância (tabela 3).

Tabela 3.

Análise Fatorial dos itens da escala de vínculo ao lugar

	Fator 1	Fator 2	Fator 3
Itens	Vínculo Tradicional	Vínculo Ativo	Relatividade de lugar
Mesmo que haja lugares melhores, não vou sair de Évora.	.917	.077	-.033
Eu não consigo imaginar deixar Évora para sempre.	.869	.123	.074
Eu nunca considerei que viver noutro lugar seria melhor.	.857	.169	-.060
Eu gosto de caminhar por Évora e descobrir novos lugares.	.54	.880	.009

De tempos a tempos descobro novos sítios em Évora.	.092	.867	.069
Eu gosto de acompanhar as mudanças que acontecem neste lugar.	.319	.682	-.246
As pessoas não se devem apegar a nenhum lugar.	-.169	-.060	.702
Eu não quero saber do local onde vivo.	.033	-.218	.671
É mais importante para mim como vivo do que onde vivo.	.135	.255	.631
Variância explicada	27.665	23.963	15.748
Alfa de <i>Cronbach</i>	.873	.782	.400

De seguida, apresentamos as estatísticas descritivas de todas as escalas estudadas (identidade de lugar, satisfação, vínculo tradicional, vínculo ativo, relatividade ao lugar, continuidade, sentimento de pertença, autoestima, autoeficácia, distintividade e bem-estar).

Atendendo que a escala de resposta era de sete pontos, podemos concluir que a identidade de lugar, satisfação, vínculo ativo, continuidade, sentimento de pertença e autoestima, apresentaram as médias mais altas comparadas com as outras variáveis, enquanto que, a relatividade ao lugar e a distintividade apresentaram as médias mais baixas (tabela 4).

Tal como foi verificado por Wnuk e Oleksy (2021), o vínculo ativo detém valores mais altos comparativamente com os restantes tipos de vínculo.

Tabela 4.

Médias e desvios padrões das variáveis (escala de 1-7)

	N	Média	DP
Identidade de lugar	215	5.3244	1.41782
Satisfação	215	4.7058	1.33357
Vínculo Tradicional	215	4.0930	1.73882
Vínculo Ativo	215	5.1287	1.14226
Relatividade ao Lugar	215	3.5163	.94315

Continuidade	215	4.8682	1.55672
Sentimento de Pertença	215	4.9209	1.57652
Autoestima	215	4.9984	1.53245
Autoeficácia	215	4.3070	1.39604
Distintividade	215	3.9411	1.58086
Bem-estar	215	4.4995	.90262

Preditores dos Diferentes Vínculos ao Lugar

Para verificar a hipótese 1 e estudar os fatores que contribuem para os diferentes tipos de vínculo, uma regressão linear com seleção de variáveis *stepwise* foi utilizada para obter um modelo que permitisse prever os diferentes tipos de vínculo (tradicional, ativo e relativo), tendo como variáveis, a identidade ao lugar, os motivos da identidade (continuidade, sentimento de pertença, autoestima, autoeficácia, distintividade), e variáveis sociodemográficas como a idade, sexo, tempo de residência, orientação política e a percepção de estatuto socioeconómico.

Relativamente ao vínculo tradicional, obtivemos cinco modelos diferentes dos quais destacamos o modelo 3 e 5. O modelo 3 diz-nos que o vínculo tradicional pode ser predito pela identidade de lugar, pelo tempo de residência e pela distintividade e explica .446 da variância. O modelo 5, por sua vez, explica .453 da variância e indica que este tipo de vínculo é influenciado significativamente pela identidade de lugar, pela distintividade e pela idade (tabela 5).

Tabela 5.

Regressão em relação ao vínculo tradicional

		Identidade	Tempo de Residência	Distintividade	Idade	R2
<i>Modelo 1</i>	β	.617***				
	B	.757				.378
	EP	.066				
<i>Modelo 2</i>	β	.542***	.241***			
	B	.655	.024			.428
	EP	.067	.005			

<i>Modelo 3</i>	β	.457****	.241****	.164**		
	B	.561	.024	.181		.446
	EP	.076	.005	.065		
<i>Modelo 4</i>	β	.467****	.097	.190**	.172*	
	B	.573	.010	.209	.017	.454
	EP	.075	.009	.066	.009	
<i>Modelo 5</i>	β	.483****		.202****	.248****	
	B	.592		.222	.025	.453
	EP	.073		.065	.005	

Nota: Todos os valores das variáveis são significativos ao nível de .05

A regressão efetuada para o vínculo ativo mostra apenas dois modelos significativos das variáveis preditoras. O modelo 1, que explica .285 da variância, afere que apenas a autoestima é relevante no vínculo ativo, mas o modelo 2, diz-nos que para além da autoestima, este tipo de vínculo também pode ser predito pela identidade e tem uma variância de .303 (tabela 6). Ao contrário dos outros dois tipos de vínculo, a relatividade ao lugar não é predita por qualquer uma das variáveis.

Assim, podemos afirmar que a nossa H1 foi parcialmente confirmada, sendo que realmente a identidade ao lugar, a distintividade, a autoestima, a idade e o tempo de residência representam preditores importantes no vínculo tradicional e ativo.

Tabela 6.

Regressão em relação ao vínculo ativo

		Autoestima	Identidade	R2
<i>Modelo 1</i>	β	.537****		
	B	.400		.285
	EP	.043		
<i>Modelo 2</i>	β	.334****	.250*	
	B	.249	.202	.303
	EP	.073	.079	

Nota: Todos os valores das variáveis são significativos ao nível de .05

Vínculo e Atitudes Intergrupais

De forma a testar a hipótese 2, onde se espera que os diferentes tipos de vínculo ao lugar afetassem de maneira distinta as atitudes intergrupais, foi realizada uma correlação de *Pearson* entre as variáveis vínculo ativo, vínculo tradicional, relatividade ao lugar e a

questão referente aos grupos externos: “*Em medida considera que pessoas dessas nacionalidades se encaixam em Évora?*” (tabela 7).

Relativamente ao vínculo tradicional e aos grupos externos, os resultados obtidos não mostraram quaisquer correlações significativas. Por sua vez, os resultados referentes ao vínculo ativo e aos grupos externos mostram-nos que o vínculo ativo estava positivamente correlacionado com a perceção que os seguintes grupos se encaixavam em Évora: cidadãos Europeus, cidadãos Asiáticos, cidadãos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, cidadãos dos Países Africanos de Língua Não Oficial Portuguesa e Brasileiros. A relatividade ao lugar, novamente, não nos mostrou quaisquer correlações significativas com os grupos externos.

Com base nestes resultados, podemos afirmar que a H2a não foi confirmada, uma vez que se esperava que o vínculo tradicional apresentasse correlações negativas significativas com os diferentes grupos estudados, em particular com os mais distantes geográfica e culturalmente (cidadãos asiáticos) e com os de menor prestígio (ciganos) e isto não aconteceu. Por outro lado, a H2b foi parcialmente comprovada pois realmente o vínculo ativo apresentou uma maior abertura relativamente aos grupos mais distantes geográfica e culturalmente (cidadãos asiáticos) mas o mesmo não se comprovou para os grupos de menor prestígio (ciganos). A H2c que previa que a relatividade ao lugar não estivesse associada à abertura em relação aos diferentes grupos estudados, incluindo os mais distantes geográfica e culturalmente (cidadãos asiáticos) e aos de menor prestígio (ciganos), foi confirmada.

Tabela 7.

Correlações e significâncias dos tipos de vínculos e as respostas à questão “Em medida considera que pessoas dessas nacionalidades se encaixam em Évora?”

	Vínculo Tradicional	Vínculo Ativo	Relatividade de Lugar
Vínculo Tradicional	--		
Vínculo Ativo	.309**	--	
Relatividade de Lugar	-.019	-.063	--
Cidadãos Europeus	.057	.192**	-.065
Cidadãos Asiáticos	.044	.230**	.045

Cidadãos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa	-.011	.265**	-.051
Cidadãos dos Países Africanos de Língua Não Oficial Portuguesa	.099	.249**	.030
Portugueses	.061	.121	-.012
Brasileiros	-.009	.197**	-.062
Ciganos	-.035	.092	.028

Nota. *p<.05; **p<.01

Ainda com o objetivo de testarmos a H3 e sabermos se os residentes de Évora consideram que os grupos supracitados contribuem de alguma forma para a segurança da cidade, para o desenvolvimento económico e para a qualidade de vida, realizámos regressões lineares com seleção de variáveis *stepwise* (tabela 8, 9, 10, 11, 12, 13 e 14).

Com base nas regressões podemos aferir que os residentes de Évora consideram que os cidadãos Europeus, os cidadãos dos Países de Língua Oficial Portuguesa, os Portugueses e os Brasileiros contribuem de forma significativa para a segurança da cidade e para o desenvolvimento económico. Surpreendentemente, os resultados relativos aos cidadãos Asiáticos dizem-nos que os moradores de Évora consideram que estes contribuem significativamente para a segurança da cidade, para o desenvolvimento económico e para a qualidade de vida. Já os cidadãos dos Países de Língua Não Oficial Portuguesa apenas contribuem significativamente para a segurança da cidade. Por fim, os resultados indicam que os Ciganos tem um papel significativo na segurança da cidade e na qualidade de vida da mesma.

Tabela 8.

Regressão em relação aos cidadãos Europeus

		Segurança da Cidade	Desenvolvimento Económico	Qualidade de Vida	R2
	β	.214*	.287***	.125	
<i>Modelo 1</i>	B	.235	.301	.134	.303
	EP	.102	.087	.113	

Nota: Todos os valores das variáveis são significativos ao nível de .05

Tabela 9.*Regressão em relação aos cidadãos Asiáticos*

		Segurança da Cidade	Desenvolvimento Económico	Qualidade de Vida	R2
	β	.221**	.201*	.337***	
<i>Modelo 1</i>	B	.260	.205	.390	.481
	EP	.099	.081	.118	

Nota: Todos os valores das variáveis são significativos ao nível de .05

Tabela 10.*Regressão em relação aos cidadãos dos Países de Língua Oficial Portuguesa*

		Segurança da Cidade	Desenvolvimento Económico	Qualidade de Vida	R2
	β	.406***	.271**	.003	
<i>Modelo 1</i>	B	.447	.287	.003	.398
	EP	.114	.103	.140	

Nota: Todos os valores das variáveis são significativos ao nível de .05

Tabela 11.*Regressão em relação aos cidadãos dos Países de Língua Não Oficial Portuguesa*

		Segurança da Cidade	Desenvolvimento Económico	Qualidade de Vida	R2
	β	.305**	.195	.175	
<i>Modelo 1</i>	B	.335	.209	.209	.394
	EP	.119	.110	.150	

Nota: Todos os valores das variáveis são significativos ao nível de .05

Tabela 12.*Regressão em relação aos Portugueses*

		Segurança da Cidade	Desenvolvimento Económico	Qualidade de Vida	R2
	β	.193*	.213*	.135	
<i>Modelo 1</i>	B	.201	.212	.141	.232
	EP	.102	.103	.134	

Nota: Todos os valores das variáveis são significativos ao nível de .05

Tabela 13.*Regressão em relação aos Brasileiros*

		Segurança da Cidade	Desenvolvimento Económico	Qualidade de Vida	R2
	β	.279**	.420***	.097	
<i>Modelo 1</i>	B	.296	.439	.109	.529
	EP	.093	.076	.105	

Nota: Todos os valores das variáveis são significativos ao nível de .05

Tabela 14.*Regressão em relação aos Ciganos*

		Segurança da Cidade	Desenvolvimento Económico	Qualidade de Vida	R2
	β	.255*	-.114	.406*	
<i>Modelo 1</i>	B	.321	-.145	.520	.276
	EP	.143	.185	.208	

Nota: Todos os valores das variáveis são significativos ao nível de .05

Preditores do Bem-estar

Para testarmos a hipótese 4 e confirmar se a identidade ao lugar, vínculo ao lugar (tradicional, ativo e relativo), satisfação e os motivos de identidade (distintividade, continuidade, sentimento de pertença, autoestima, autoeficácia) predizem o bem-estar, recorremos a uma regressão linear com seleção de variáveis *stepwise*. Assim, obtivemos cinco modelos com diferentes preditores do bem-estar. Dos cinco modelos obtidos destacamos o modelo 3 e o modelo 5.

O modelo 3 explica .512 da variância e mostra que o bem-estar é predito significativamente pela satisfação, identidade e vínculo ativo. Já o modelo 5, explica .617 da variância e diz-nos que o bem-estar é influenciado pela satisfação, autoeficácia e continuidade. Estes resultados confirmam que variáveis como a satisfação, identidade, vínculo ativo, autoeficácia e continuidade são preditores importantes do bem-estar, o que confirma parcialmente a nossa última hipótese (tabela 15).

Tabela 15.*Regressão em relação ao bem-estar*

		Satisfação	Identidade	Vínculo Tradicional	Vínculo Ativo	Relatividade	Autoeficácia	Continuidade	R2
<i>Modelo 1</i>	β	.696***							
	B	.471							.482
	EP	.033							
<i>Modelo 2</i>	β	.506***	.244**						
	B	.342	.155						.503
	EP	.052	.049						

<i>Modelo 3</i>	β	.494***	.200*	-.034	.144*	.009		
	B	.334	.127	-.018	.113	.009		.512
	EP	.055	.052	.033	.045	.046		
<i>Modelo 4</i>	β	.368***	.066	-.082	.078	.022	.449***	
	B	.249	.042	-.043	.061	.021	.290	.612
	EP	.051	.048	.030	.041	.041	.039	
<i>Modelo 5</i>	β	.364***	.139	-.068	.080	.017	.483***	-.137*
	B	.246	.089	-.035	.063	.017	.313	-.079
	EP	.050	.053	.030	.040	.041	.040	.039

Nota: Todos os valores das variáveis são significativos ao nível de .05

7. Discussão

A ligação afetiva que temos com o sítio onde vivemos proporciona-nos sentimentos de pertença e segurança e impulsiona-nos a tomar atitudes que melhorem ou preservem esse mesmo lugar (Lewicka, 2011a; Manzo & Perkins, 2006). Mas estes sentimentos podem ser afetados por mudanças sociais que sejam uma consequência de crises humanitárias. O fluxo maciço de migrantes a chegar ao nosso local de vinculação pode ser visto como uma interrupção da continuidade cultural do local e por isso impactar as atitudes que os residentes têm para com grupos externos. Contudo, estas ameaças podem prever diferentes atitudes por parte dos residentes, estes podem tanto oferecer ajuda a estes grupos geográfica e culturalmente diferentes e aceitá-los como residentes no seu local de vinculação, como podem exibir atitudes negativas para com os mesmos (Wnuk et al., 2023). Neste sentido, o presente trabalho teve o propósito de explorar a relação entre os diferentes tipos de vínculo ao lugar e as atitudes intergrupais que os habitantes de Évora têm para com os migrantes.

Analisando a hipótese um, que pretendeu identificar os preditores dos diferentes tipos de vínculo (tradicional, ativo e relativo) incluindo os motivos da identidade, identidade ao lugar e variáveis sociodemográficas como, idade, sexo, orientação política e perceção de estatuto socioeconómico, podemos constatar que os resultados indicam que a identidade ao lugar, tempo de residência, distintividade e idade são preditores do vínculo tradicional e que o vínculo ativo é predito pela identidade de lugar e pela autoestima.

A identidade ao lugar ser uma variável a ter em conta tanto na vinculação tradicional, como na vinculação ativa, não é surpreendente pois vai de encontro a pesquisas passadas

que enunciam que o vínculo ao lugar é também baseada na identificação com o local (Lewicka, 2011a).

O facto do tempo de residência e da idade aparecerem como variáveis preditores do vínculo tradicional apoiou também descobertas anteriores que dizem que quanto mais velhos os indivíduos são, mais tempo tiveram para se estabelecerem num determinado lugar e consequentemente, mais vinculados estão a esse mesmo lugar (Anton & Lawrence, 2014).

Em relação à distintividade, podemos dizer que esta é importante em indivíduos tradicionalmente vinculados porque estes costumam desenvolver identidades fixas e salientar diferenças entre o seu grupo e os outros grupos (Wnuk & Oleksy, 2021). Quanto mais os sujeitos se identificam com o seu grupo, mais irão defender as suas crenças e valores enraizados (Vignoles et al., 2002).

Finalmente, temos a autoestima que foi uma variável importante no que toca ao vínculo ativo. Apesar, da relação entre este tipo de vínculo e este princípio dos motivos da identidade não ser muito observada na literatura, podemos supor que o facto dos indivíduos se interessarem ativamente pelo seu lugar de vinculação, faz com que sintam uma maior confiança nas pessoas que não são do seu grupo de pertença e tenham comportamentos pó-vizinhança destinados a melhorar os conflitos no bairro e a convivência entre vizinhos (Ja'skiewicz & Besta, 2018) e isto resulte em avaliações positivas que o indivíduo tem de si e do seu grupo de pertença.

Referindo-nos agora à hipótese dois, que teorizava que o tipo de vinculação com o local de residência (tradicional, ativo e relativo) iria afetar a abertura em relação a grupos exteriores. A hipótese 2a propôs que o vínculo tradicional iria apresentar uma menor abertura em relação aos diferentes grupos estudados, em particular os mais distantes geográfica e culturalmente (cidadãos asiáticos) e os de menor prestígio (ciganos). Os resultados desta hipótese, ao contrário do que é descrito na literatura, não revelaram correlações negativas significativas com os diferentes grupos estudados. A vinculação tradicional tende a ter uma relação mais conservadora com o local, e por isso a presença de grupos externos é vista como sendo uma ameaça a um lugar valioso e insubstituível. Embora o lugar não sofra alterações físicas, esta mudança social é vista pelos seus habitantes como uma perturbação do local, e a sua transformação simbólica é sentida pelos indivíduos tradicionalmente vinculados uma ameaça à continuidade do mesmo, levando-os a reagir de forma hostil aos grupos vistos como responsáveis por essa mesma mudança (Wnuk et al., 2023). Logo, esperava-se uma correlação negativa e

significativa em relação aos grupos externos, considerando que a presença de grupos minoritários é vista como uma ameaça à distinção local. Mas, apesar de isso não ter acontecido, também não se verificou uma correlação positiva com estes grupos. Este resultado pode ter sido influenciado pelo desejo de fugir ao estereótipo, mostrando assim, no questionário, uma não correlação entre este tipo de vinculação e a atitude em relação a estes grupos se “encaixarem” na cidade de Évora.

Quando comparados os resultados da correlação do vínculo tradicional com os resultados do vínculo ativo, verificámos uma diferença muito relevante. A hipótese 2b que esperava que o vínculo ativo apresentasse maior abertura em relação aos diferentes grupos estudados, incluindo os mais distantes geográfica e culturalmente (cidadãos asiáticos) e os de menor prestígio (ciganos) foi parcialmente comprovada. Apesar do vínculo ativo ter apresentado uma maior abertura relativamente aos grupos mais distantes geográfica e culturalmente (cidadãos asiáticos), o mesmo não se comprovou para os grupos de menor prestígio (ciganos). Pesquisas passadas corroboram que o vínculo ativo está positivamente correlacionado com atitudes em relação a migrantes e refugiados, pois este tipo de vinculação revela ser mais flexível. Estes indivíduos têm por hábito encontrar semelhanças entre si e os grupos externos e por isso conseguem compreender que é possível diferentes grupos habitarem juntos no mesmo local de residência (Wnuk & Olesky, 2021). Frequentemente, sujeitos ativamente vinculados além de deterem um maior sentido de responsabilidade relativamente ao seu espaço e comunidade, esforçam-se em construir uma imagem do seu lugar como acolhedor, inclusivo e capaz de receber tanto os moradores como os recém-chegados. A receptividade por parte dos habitantes pode gerar um sentimento de orgulho pelo lugar, o que resulta numa maior aceitação dos grupos externos e das mudanças que estes trazem (Wnuk et al., 2023). Embora a literatura aponte que o vínculo ativo seja um preditor significativo da aceitação de grupos externos, o caso dos ciganos é uma situação muito particular relacionada com a população de Évora. De facto, encontramos nos jornais locais e nacionais muitas referências em relação aos conflitos que existem com esta população na cidade. Este facto pode justificar a não correlação entre o vínculo ativo e a perceção que este grupo “*se encaixa na cidade de Évora*” (Pereira, 2024).

Já a hipótese 2c que esperava que a relatividade ao lugar não estivesse associada à abertura em relação aos diferentes grupos estudados, incluindo os mais distantes geográfica e culturalmente (cidadãos asiáticos) e os de menor prestígio (ciganos) foi confirmada. A ausência de correlação entre a relatividade ao lugar e abertura em relação

a grupos externos tem vindo a ser verificada em diversas investigações, visto que este tipo de apego preconiza que é mais importante a forma como se vive do que propriamente o sítio onde se vive (Lewicka, 2013). Contudo, Wnuk e Oleksy (2021) na sua investigação descobriram uma relação positiva entre este tipo de vínculo ao lugar e a aceitação dos israelitas, o que indica que para os palestinianos apenas quando o local de residência não é importante, é que são capazes de aceitar um grupo externo. No contexto de estudos sobre a desidentificação, já tinha sido mostrado que os membros de um determinado grupo podem afastar-se psicologicamente do seu grupo de pertença por ser demasiado difícil fazer parte desse grupo (Bierle et al., 2019), pois a expectativa por parte do grupo desfavorecido de viver em harmonia com o grupo favorecido, pode gerar sentimentos de frustração nos mesmos por a esperança de um futuro melhor não ser cumprido (Hasan-Aslih et al., 2019). Assim, a relatividade ao lugar pode estar associada à aceitação de um grupo externo num determinado local por ser percebida como um “estado de não ter quaisquer esperanças particulares relacionadas com um lugar” (Wnuk & Olesky, 2021).

Na hipótese 3 procurámos saber as opiniões dos residentes de Évora relativamente ao contributo dos grupos externos para a segurança da cidade, para o desenvolvimento económico e para a qualidade de vida. Os resultados foram surpreendentes visto que de forma geral as respostas tenderam a fugir ao preconceito e à discriminação. Com base na literatura existente, seria de esperar que os Portugueses tivessem um grande contributo nas três categorias estudadas (segurança da cidade, desenvolvimento económico e qualidade de vida) e o mesmo não aconteceu, os resultados verificaram até uma significância fraca. Pelo contrário, esperávamos que as respostas relativamente aos ciganos demonstrassem preconceito e discriminação e isto não se verificou. A literatura sobre o contacto intergrupo tem vindo a constatar que interações positivas entre o grupo maioritário e o grupo minoritário podem reduzir o preconceito e a discriminação, pois estas podem ser cruciais para que grupos geográfica e culturalmente diferentes desenvolvam contactos sociais que contribuam para o seu bem-estar e ajustamento no novo país (Karatas et al., 2021). Quanto maior for a interação da população residente com os grupos externos, mais positiva será a sua visão sobre esses mesmos grupos, o que consequentemente levará a uma redução do preconceito e da discriminação (Schaefer et al., 2024). Por exemplo, um estudo de Yucel e Psaltis (2020) realizado no Chipre, descobriu uma associação entre várias formas de contacto com a redução dos preconceitos. À semelhança deste estudo, está a investigação de Doebler et al., (2018) cujos resultados indicaram que o contacto intergrupar está relacionado com atitudes mais

positivas em relação às minorias étnicas em amostras de adultos.

Para além do contacto intergrupar ser fundamental para a redução de preconceitos, está comprovado que este promove também o envolvimento cívico através de comportamentos pró-sociais que se destinam a contruir comunidades mais coesas (Schaefer et al., 2024). O contacto entre diferentes grupos potencia a oportunidade destes se conhecerem uns aos outros, promove a exposição a diferentes pontos de vista, desafia crenças pré-concebidas e reduz a aceitação de hierarquias sociais (Hodson et al., 2018). Esta proximidade entre os grupos leva a uma maior perceção de semelhança, o que os leva a questionar as desigualdades existentes na sociedade e a sentirem empatia pelas minorias, e consequentemente a envolverem-se em ações pró-sociais como forma de os apoiarem (Schaefer et al., 2024). De facto, as experiências positivas de contacto entre o grupo maioritário e o grupo minoritário reduzem o preconceito e a discriminação e são precursoras do envolvimento cívico. Contudo, o contacto intergrupar negativo é frequente em minorias que sofrem de discriminação intergrupar (Tropp & Bianchi, 2006) e é normalmente sentido pelos mesmos sob a forma de preconceito e exclusão (Stephan et al., 2002). Este contacto negativo entre grupos pode resultar em exigências por parte das minorias, no sentido de tentarem obter uma maior igualdade e mudança social (Reimer & Sengupta, 2023). Tendo em conta que os habitantes da cidade de Évora nas suas respostas ao questionário não revelaram qualquer preconceito e discriminação relativamente à etnia cigana, podíamos usar como possível explicação a teoria do contacto intergrupo, que afirma que quanto maior é a convivência entre a população residente e os grupos externos, melhor é a perceção que os habitantes têm dos mesmos e, por conseguinte, menor o preconceito e a discriminação. Contudo, sabemos pelos *media* que esta minoria tem uma grande predominância de experiências intergrupais negativas com a população residente e que são alvo de discriminação intergrupar. O facto dos residentes não terem demonstrado preconceito pode ser explicado por Pettigrew e Tropp (2011), que demonstraram que em inquéritos com amostras probabilísticas, os respondentes tendem a relatar muito mais contactos intergrupais positivos do que negativos, apesar dos contactos intergrupais negativos serem mais frequentemente publicitados pelos *media* (Pettigrew et al., 2011).

Para terminar este tópico da presente investigação, falta apenas discutirmos a hipótese 4, cujo objetivo foi estudar de que forma a conexão ao lugar (identidade de lugar e vínculo ao lugar), a satisfação e os motivos de identidade predizem o bem-estar. Relativamente a esta hipótese, podemos dizer que esta foi parcialmente confirmada, uma

vez que algumas das variáveis previstas realmente tiveram impacto no bem-estar, como é o caso da satisfação, identidade, vínculo ativo, autoeficácia e continuidade.

O facto da identidade e da satisfação serem variáveis cruciais no bem-estar é congruente com a literatura encontrada que nos diz que indivíduos que se identifiquem com o local onde vivem, tendem a sentir-se satisfeitos em lá viver e isso acaba por aumentar a sua felicidade e bem-estar. Se o bairro onde morarmos tiver uma conotação negativa, as pessoas que lá vivem não se irão sentir satisfeitas, não irão sentir que pertencem ao mesmo e irão experienciar sentimentos de vergonha, humilhação, angústia social e frustração (Otero et al., 2023).

As investigações relativas ao vínculo ativo mostram-nos que este está associado a um interesse pela história local e a um reconhecimento da história de outros grupos étnicos no passado do lugar (Lewicka, 2011b). As pessoas ativamente vinculadas costumam ter a tendência para encontrar mais semelhanças invés de diferenças entre elas e os grupos externos, e por isso, este tipo de vinculação através da mudança de comportamentos ou abrindo caminho a novas possibilidades oferecidas por um lugar, é um preditor de ações coletivas destinadas a melhorar a situação do bairro e a conveniência entre vizinhos (Ja'skiewicz & Besta, 2018; Wnuk & Olesky, 2021). Dado que este tipo de vinculação se destina a melhorar o ambiente entre os habitantes do bairro, podemos inferir que este fator é algo que tem um impacto positivo no bem-estar dos residentes.

Os resultados descobriram ainda que dois dos princípios dos motivos de identidade, autoeficácia e continuidade, têm também um impacto significativo no bem-estar. Um estudo de Souza et al. (2015) prevê que indivíduos com uma maior autoeficácia, mesmo perante avaliações cognitivas e afetivas negativas, entendem o ambiente de trabalho desfavorável como um desafio e não como um obstáculo, o que consequentemente ajuda a reduzir o seu mal-estar. Neste caso, podemos supor que indivíduos que acreditem que apesar da zona de residência em que estão inseridos conseguem lidar com as possíveis adversidades do seu quotidiano, tendem a apresentar um maior nível de bem-estar, comparativamente a indivíduos com um baixo nível de autoeficácia. Relativamente à continuidade, esta é um preditor do bem-estar porque se refere à perceção de um grupo como sendo contínuo ao longo do tempo, o que potencia um sentimento de segurança existencial, estabilidade e imutabilidade do grupo (Sani et al., 2009). A convicção de que o grupo partilha crenças e normas que persistem no tempo, está fortemente ligada com a identidade grupal (Smeekes & Verkuyten, 2014), e esta como já vimos, é importante para a nossa identidade pessoal, e consequentemente bem-estar.

8. Conclusões

Na nossa pesquisa revelámos que existem vários elementos que podem afetar a forma de como nos sentimos na nossa zona de residência, e que o tipo de vinculação que temos com a cidade pode influenciar a abertura a outros grupos sociais. A identidade ao lugar, o tempo de residência, a distintividade, a idade e a autoestima mostraram ser os preditores mais significativos no que toca à vinculação que os indivíduos tem com o seu local de residência. Enquanto que o vínculo tradicional não exibiu correlações negativas significativas com a abertura relativamente aos migrantes, o vínculo ativo demonstrou uma maior aceitação à chegada de outros grupos. Os resultados obtidos chegaram ainda à conclusão de que a satisfação, identidade ao lugar, vínculo ativo, autoeficácia e continuidade tem um impacto significativo no bem-estar do residentes. Assim, a nossa investigação na prática, ajudou-nos a compreender que fatores devemos ter em conta para garantir o bem-estar dos residentes de Évora e a entender a forma como os mesmos reagem à chegada de novos moradores.

Quanto a limitações encontradas nesta pesquisa, acho que seria importante a mesma ser replicada, uma vez que, houve alguma disparidade entre o sexo dos participantes e as idades e porque a cidade de Évora não está entre as cidades portuguesas que mais recebe migrantes. Neste sentido, para podermos fazer uma generalização é importante que sejam feitas mais investigações noutros contextos e com uma amostra diferente.

Visto que foi surpreendente as respostas terem fugido ao preconceito e à discriminação, acho que seria interessante em futuras pesquisas, estudar melhor o contacto intergrupo e ser realizado um estudo qualitativo para entender o porquê dos residentes terem fugido a este preconceito. Além do mais, futuras pesquisas deviam incorporar outras variáveis relevantes que possam estar envolvidas nos processos de vinculação ao lugar, investigar melhor os mecanismos subjacentes aos motivos de identidade e focaram-se na relatividade ao lugar e nas atitudes intergrupais, para perceber melhor o porquê deste tipo de vínculo não aceitar grupos externos, mesmo quando não há esperança de um futuro melhor.

Referências Bibliográficas

- Adams, R. E. (1992). Is happiness a home in the suburbs? The influence of urban versus suburban neighborhoods on psychological health. *Journal of Community Psychology*, 20, 353-372. [https://doi.org/10.1002/1520-6629\(199210\)20:4<353::AID-JCOP2290200409>3.0.CO;2-Z](https://doi.org/10.1002/1520-6629(199210)20:4<353::AID-JCOP2290200409>3.0.CO;2-Z).
- Alba, M., & Batel, S. (2024). Understanding Short and Long Mobilities Together: Place Attachment and Community Dynamics in Mouraria, Lisbon. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 34(6). <https://doi.org/10.1002/casp.70003>.
- Aleshinloye, K. D., Fu, X., Ribeiro, M. A., Woosnam, K. M., & Tasci, A. D. A. (2019). The Influence of Place Attachment on Social Distance: Examining Mediating Effects of Emotional Solidarity and the Moderating Role of Interaction. *Journal of Travel Research*, 59(5). <https://doi.org/10.1177/0047287519863883>.
- Amérigo, M. (2002). A Psychological Approach to the Study of Residential Satisfaction. In J. I. Aragonés, F. Guido, & T. Garling (Eds.). *Residential Environments: Choice, Dissatisfaction and Behavior* (pp. 81-100). Bergin e Garvey.
- Andersen, H. S. (2008). Why do residents want to leave deprived neighbourhoods? The importance of residents' subjective evaluations of their neighbourhood and its reputation. *Journal of Housing and the Built Environment*, 23(2), 79-101.
- Anton, C. E., & Lawrence, C. (2014). Home is where the heart is: The effect of place of residence on place attachment and community participation. *Journal of environmental psychology*, 40, 451-461. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2014.10.007>.
- Arifwidodo, S. D. (2012). Exploring the effect of compact development policy to urban quality of life in Bandung, Indonesia. *City, Culture and Society*, 3(4), 303-311. <https://doi.org/10.1016/j.ccs.2012.11.007>.
- Bailey, E., Devine-Wright, P., & Batel, S. (2016). Using a narrative approach to understand place attachments and responses to power line proposals: The importance of life-place trajectories. *Journal of Environmental Psychology*, 48, 200-211. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2016.10.006>.
- Bech, P., Gudex, C., & Staehr Johansen, K. (1996). The WHO (Ten) well-being index: validation in diabetes. *Psychotherapy and psychosomatics*, 65(4), 183-190.

<https://doi.org/10.1159/000289073>.

- Bernardo, F., & Palma-Oliveira, J. M. (2016a). Urban neighbourhoods and intergroup relations: The importance of place identity. *Journal of Environmental Psychology*, 45, 239-251. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jenvp.2016.01.010>.
- Bernardo, F., & Palma-Oliveira, J. M. (2016b). Identification with the neighborhood: Discrimination and neighborhood size. *Self and Identity*, 15(5), 579-598. <https://doi.org/10.1080/15298868.2016.1178665>.
- Bierle, I., Becker, J. C., & Ikegami, T. (2019). Coping with unpleasant group memberships in Japan and Germany: Cultural differences in disidentification, confrontation and emotion regulation. *European Journal of Social Psychology*, 49(5), 953–969. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2562>.
- Billig, M. (2021). Place identity strategies at university constructed by minority Arab-Israeli student groups. *Frontiers in Psychology*, 12, 1-11. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.665042>.
- Bonaiuto, M., & Alves, S. (2012). Residential places and neighborhoods: Toward healthy life, social integration, and reputable residence. In S. D. Clayton (Ed.) *The Oxford handbook of environmental and conservation psychology* (pp. 221-247). Oxford University Press.
- Bonaiuto, M., Aiello, A., Perugini, M., Bonnes, M., & Ercolani, P. (1999). Multidimensional perception of residential environment quality and neighbourhood attachment in the urban environment. *Journal of Environmental Psychology*, 19(4), 331-352. <https://doi.org/10.1006/jevp.1999.0138>.
- Bonaiuto, M., Breakwell, G. M., & Cano, I. (1996). Identity processes and environmental threat: The effects of nationalism and local identity upon perception of beach pollution. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 6(3), 157-175. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1099-1298\(199608\)6:3<157::AID-CASP367>3.0.CO;2-W](https://doi.org/10.1002/(SICI)1099-1298(199608)6:3<157::AID-CASP367>3.0.CO;2-W).
- Breakwell, G. M. (1986). *Coping with Threatened Identity*. Methuen.
- Contreras, R. (2017). There's no sunshine: Spatial anguish, deflections, and intersectionality in Compton and South Central. *Environment and Planning D: Society and Space*, 35(4), 656-673. <https://doi.org/10.1177/0263775816677552>.

- Diener, E., Suh, E., & Oishi, S. (1997). Recent findings on subjective well-being. *Indian Journal of Clinical Psychology*, 24(1), 25–41.
- Doebler, S., R. McAreavey, and S. Shortall. (2018). “Is Racism the New Sectarianism? Negativity Towards Immigrants and Ethnic Minorities in Northern Ireland From 2004 to 2015.” *Ethnic and Racial Studies* 41(14), 2426–2444. <https://doi.org/10.1080/01419870.2017.1392027>.
- Droseltis, O., & Vignoles, V. L. (2010). Towards an integrative model of place identification: Dimensionality and predictors of intrapersonal-level place preferences. *Journal of Environmental Psychology*, 30(1), 23–34. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2009.05.006>.
- Ellemers, N., Van Knippenberg, A., De Vries, N., & Wilke, H. (1988). Social identification and permeability of group boundaries. *European journal of social psychology*, 18(6), 497-513. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2420180604>.
- Evans, M. & Lee, B. A. (2020). Neighborhood reputations as symbolic and stratifying mechanisms in the urban hierarchy. *Sociology compass*, 14(10), 1-15. <https://doi.org/10.1111/soc4.12831>.
- Fleury-Bahi, G., Félonneau, M. L., & Marchand, D. (2008). Processes of place identification and residential satisfaction. *Environment and Behavior*, 40(5), 669-682. <https://doi.org/10.1177/0013916507307461>.
- Giuliani, M. V. (2003). Theory of attachment and place attachment. In M. Bonnes, T. Lee, & M. Bonaiuto (Eds.), *Psychological theories for environmental issues* (pp. 137-170). Ashgate.
- Goudy, W. J. (1977). Evaluations of local attributes and community satisfaction in small towns. *Rural Sociology*, 42, 371-382.
- Hasan-Aslih, S., Pliskin, R., van Zomeren, M., Halperin, E., & Saguy, T. (2019). A darker side of hope: Harmony-focused hope decreases collective action intentions among the disadvantaged. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 45(2), 209–223. <https://doi.org/10.1177/0146167218783190>.

- Hay, R. (1998). A rooted sense of place in cross-cultural perspective. *Canadian Geographer/Le Géographe Canadien*, 42(3), 245-266. <https://doi.org/10.1111/j.1541-0064.1998.tb01894.x>.
- Hernández, B., Hidalgo, M. C., Salazar-Laplace, M. E. & Hess, S. (2007). Place attachment and place identity in natives and non-natives. *Journal of environmental psychology*, 27(4), 310-319. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2007.06.003>.
- Hidalgo, M., C., & Hernández, B. (2001). Place attachment: Conceptual and empirical questions. *Journal of environmental psychology*, 21(3), 273-281. <https://doi.org/10.1006/jevp.2001.0221>.
- Hodson, G., Crisp, R. J., Meleady, R., & Earle, M. (2018). Intergroup contact as an agent of cognitive liberalization. *Perspectives on Psychological Science*, 13(5), 523-548. <https://doi.org/10.1177/1745691617752324>.
- Hummon, D. M. (1992). Community attachment. Local sentiment and sense of place. In I. Altman, & S. M. Low (Eds.), *Place Attachment* (pp. 253-277). Plenum Press.
- International Organization for Migration (2019). Who Is a Migrant? Available online: <https://www.iom.int/who-is-a-migrant> (acedido a 2 de novembro 2024).
- Janeiro, I. N. (2006). *A perspectiva temporal, as crenças atribucionais, a auto-estima e as atitudes de planeamento e de exploração da carreira: estudo sobre os determinantes da maturidade na carreira em estudantes dos 9º e 12º anos*. (Doctoral dissertation, Universidade de Lisboa).
- Jaśkiewicz, M. & Besta, T. (2018). Place attachment and collective action tendency. *Social Psychological Bulletin*, 13(4). <https://doi.org/10.32872/spb.v13i4.25612>.
- Kahneman, D. & Deaton, A. (2010). High income improves evaluation of life but not emotional well-being. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 107(38), 16489-16493. <https://doi.org/10.1073/pnas.1011492107>.
- Kahneman, D., Krueger, A. B., Schkade, D. A., Schwarz, N., & Stone, A. A. (2004). A survey method for characterizing daily life experience: The day reconstruction method. *Science*, 306(5702), 1776-1780.

- Karatas, S., Crocetti, E., Schwartz, S. J., & Rubini, M. (2021). Psychological and social adjustment in refugee adolescents: The role of parents' and adolescents' friendships. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 2021(176), 123–139. <https://doi.org/10.1002/cad.20395>.
- Lalli, M. (1992). Urban-related identity: Theory, measurement, and empirical findings. *Journal of Environmental Psychology*, 12(4), 285-303. [https://doi.org/10.1016/S0272-4944\(05\)80078-7](https://doi.org/10.1016/S0272-4944(05)80078-7).
- Leonardelli, G. J., & Brewer, M. B. (2001). Minority and majority discrimination: when and why? *Journal of Experimental Social Psychology*, 37(6), 468-485. <https://doi.org/10.1006/jesp.2001.1475>.
- Lewicka, M. (2010). What makes neighborhood different from home and city? Effects of place scale on place attachment. *Journal of Environmental Psychology*, 30(1), 35-51. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2009.05.004>.
- Lewicka, M. (2011a). Place attachment: How far have we come in the last 40 years?. *Journal of Environmental Psychology*, 31, 207-230 <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2010.10.001>.
- Lewicka, M. (2011b). On the varieties of people's relationships with places: Hummon's typology revisited. *Environment and behavior*, 43(5), 676-709. <https://doi.org/10.1177/0013916510364917>.
- Lewicka, M. (2013). Place inherited or place discovered? Agency and communion in people-place bonding. *Estudios de Psicología*, 34(3), 261-274. <https://doi.org/10.1174/021093913808295154>.
- MacKerron, G. & Mourato, S. (2009). Life satisfaction and air quality in London. *Ecological Economics*, 68(5), 1441-1453. <https://doi.org/10.1016/j.ecolecon.2008.10.004>.
- Manzo, L. C., & Perkins, D. D. (2006). Finding common ground: The importance of place attachment to community participation and planning. *Journal of Planning Literature*, 20(4), 335-350. <https://doi.org/10.1177/0885412205286160> .

- Medeiros, C. M. F. B. (2013). *Identidade de lugar e relações intergrupais: estudo da ecologia das freguesias urbanas e suburbanas de Ponta Delgada: a importância da entitatividade para a identidade de lugar* (Doctoral dissertation, Universidade de Lisboa).
- Morrison, P. S. (2011). Local expressions of subjective well-being: The New Zealand experience. *Regional studies*, 45(8), 1039-1058. <https://doi.org/10.1080/00343401003792476>.
- Nijs, T., Stark, T. H., & Verkuyten, M. (2019). Negative intergroup contact and radical right-wing voting: The moderating roles of personal and collective self-efficacy. *Political Psychology*, 40(5), 1057–1073. <https://doi.org/10.1111/pops.12577>.
- Otero, G., Ramond, Q., Méndez, M. L., Carranza, R., Link, F., & Ruiz-Tagle, J. (2023). The damages of stigma, the benefits of prestige: Examining the consequences of perceived residential reputations on neighbourhood attachment. *Urban Studies*, 61(3), 462-494. <https://doi.org/10.1177/0042098023118614>.
- Pereira, A. C. (2024, 1 de maio). GNR processa antropóloga que investiga ciganos nómadas. *Público*. <https://www.publico.pt/2024/05/01/sociedade/noticia/gnr-processa-antropologa-investiga-ciganos-nomadas-2088738>.
- Permentier, M., Bolt, G., & Van Ham, M. (2011). Determinants of neighbourhood satisfaction and perception of neighbourhood reputation. *Urban studies*, 48(5), 977-996. <https://doi.org/10.1177/0042098010367860>.
- Permentier, M., Van Ham, M., & Bolt, G. (2008). Same neighbourhood... different views? A confrontation of internal and external neighbourhood reputations. *Housing studies*, 23(6), 833-855. <https://doi.org/10.1080/02673030802416619>.
- Pettigrew, T. F., & Tropp, L. R. (2011). *When groups meet: The dynamics of intergroup contact*. Psychology Press.
- Pettigrew, T. F., Tropp, L. R., Wagner, U., & Christ, O. (2011). Recent advances in intergroup contact theory. *International Journal of Intercultural Relations*, 35(3), 271–280. <https://doi.org/10.1016/j.ijintrel.2011.03.001>.

- Reimer, N. K., & Sengupta, N. K. (2023). Meta-analysis of the “ironic” effects of intergroup contact. *Journal of Personality and Social Psychology*, 124(2), 362–380. <https://doi.org/10.1037/pspi0000404>.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2001). On happiness and human potentials: A review of research on hedonic and eudaimonic well-being. *Annual review of psychology*, 52(1), 141-166.
- Ryff, C. D. (1989). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57(6), 1069-1081.
- Sachdev, I., & Bourhis, R. Y. (1987). Status differentials and intergroup behaviour. *European journal of social psychology*, 17(3), 277-293. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2420170304>.
- Sani, F., Herrera, M. & Bowe, M. (2009). Perceived collective continuity and ingroup identification as defence against death awareness. *Journal of Experimental Social Psychology*, 45(1), 242–245. <https://doi.org/10.1016/j.jesp.2008.07.019>.
- Schaefer, C. D., McKeown, S., Ali, S., Dupont, P. L., Manley, D., Rao, S., & Taylor, L. K. (2025). The Longitudinal Effects of Intergroup Contact on Youth Attitudes Towards Ethnic Minorities and Constructive Societal Engagement. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 35(1), <https://doi.org/10.1002/casp.70026>.
- Scopelliti, M., & Tiberio, L. (2010). Homesickness in university students: The role of multiple place attachment. *Environment and Behavior*, 42(3), 335-350. <https://doi.org/10.1177/0013916510361872>.
- Siqueira, M. M. M., & Padovam, V. A. R. (2008). Bases teóricas de bem-estar subjetivo, bem-estar psicológico e bem-estar no trabalho. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 24, 201-209.
- Slater, T., & Anderson, N. (2012). The reputational ghetto: Territorial stigmatisation in St Paul's, Bristol. *Transactions of the institute of British geographers*, 37(4), 530-546. <https://doi.org/10.1111/j.1475-5661.2011.00490.x>.
- Smeeke, A. & Verkuyten, M. (2014). Perceived group continuity, collective self-continuity, and in-group identification. *Self and Identity*, 13(6), 663–680. <https://doi.org/10.1080/15298868.2014.898685>.

- Smeeke, A., & Verkuyten, M. (2013). Collective self-continuity, group identification and in-group defense. *Journal of Experimental Social Psychology*, 49(6), 984-994. <https://doi.org/10.1016/j.jesp.2013.06.004>.
- Souza, L. A. S., Torres, A. R. R., Barbosa, G. A., Lima, T. J. S. D., & Souza, L. E. C. D. (2015). Bem-estar subjetivo e Burnout em cadetes militares: o papel mediador da autoeficácia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(4), 744-752. 10.1590/1678-7153.201528412.
- Speller, G. M., Lyons, E., & Twigger-Ross, C. (2002). A community in transition: The relationship between spatial change and identity processes. *Social psychological review*, 4(2), 39-58.
- Stephan, W. G., Boniecki, K. A., Ybarra, O., Bettencourt, A., Ervin, K. S., Jackson, L. A., McNatt, P. S., & Renfro, C. L. (2002). The role of threats in the racial attitudes of Blacks and White. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28(9), 1242–1254. <https://doi.org/10.1177/01461672022812009>.
- Stone, A. A., Schneider, S., Krueger, A., Schwartz, J. E., & Deaton, A. (2018). Experiential wellbeing data from the American Time Use Survey: comparisons with other methods and analytic illustrations with age and income. *Social Indicators Research*, 136(1), 359–378. <https://doi.org/10.1007/s11205-016-1532-x>.
- Sugihara, S., & Evans, G.W. (2000). Place attachment and social support at continuing care retirement communities. *Environment and Behavior*, 32(3), 400-409. <https://doi.org/10.1177/00139160021972586>.
- Tajfel, H. (1978). *Differentiation between social groups*. Academic Press.
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In M. J. Hatch, & M. Schultz (Eds.) *Organizational Identity: A Reader* (pp. 56-65). Oxford University Press.
- Tavakol, M., & Dennick, R. (2011). Making sense of Cronbach's alpha. *International journal of medical education*, 2, 53-55. 10.5116/ijme.4dfb.8dfd.
- Timotijevic, L., & Breakwell, G. M. (2000). Migration and threat to identity. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 10(5), 355-372. [https://doi.org/10.1002/1099-1298\(200009/10\)10:5<355::AID-CASP594>30.CO;2-Y](https://doi.org/10.1002/1099-1298(200009/10)10:5<355::AID-CASP594>30.CO;2-Y).

- Toruńczyk-Ruiz, S., & Martinović, B. (2020). The bright and dark sides of length of residence in the neighbourhood: Consequences for local participation and openness to newcomers. *Journal of Environmental Psychology*, 67, 1-12. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2019.101383>.
- Tropp, L. R., & Bianchi, R. A. (2006). Valuing diversity and interest in intergroup contact. *Journal of Social Issues*, 62(3), 533–551. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.2006.00472.x>.
- Twigger-Ross, C. L., & Uzzell, D. L. (1996). Place and identity processes. *Journal of environmental psychology*, 16(3), 205-220. <https://doi.org/10.1006/jevp.1996.0017>.
- Twigger-Ross, C., Bonaiuto, M., & Breakwell, G. (2003). Identity theories and environmental psychology. In M. Bonnes, T. Lee, & M. Bonaiuto (Eds.), *Psychological Theories for Environmental Issues* (pp. 203-233). Routledge.
- Vignoles, V. L., Chryssochoou, X., & Breakwell, G. M. (2002). Evaluating models of identity motivation: Self-esteem is not the whole story. *Self and Identity*, 1(3), 201-218. <https://doi.org/10.1080/152988602760124847>.
- Wang, D., Schwanen, T., & Mao, Z. (2019). Does exposure to richer and poorer neighborhoods influence wellbeing?. *Cities*, 95, 1-13. <https://doi.org/10.1016/j.cities.2019.102408>.
- Waterman, A. S. (1993). Two conceptions of happiness: contrasts of personal expressiveness (eudaimonia) and hedonic enjoyment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 64(4), 678-691.
- Williams, D. R., & Vaske, J. J. (2003). The measurement of place attachment: Validity and generalizability of a psychometric approach. *Forest science*, 49(6), 830-840. <https://doi.org/10.1093/forestscience/49.6.830>.
- Wnuk, A., & Oleksy, T. (2021). Too attached to let others in? The role of different types of place attachment in predicting intergroup attitudes in a conflict setting. *Journal of Environmental Psychology*, 75, 1-11. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2021.101615>.
- Wnuk, A., Oleksy, T., & Lewicka, M. (2023). Attached to place, threatened by newcomers? The threat to a place's cultural continuity as a mediator between place attachment and attitudes towards war refugees. *Journal of Environmental Psychology*, 92. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2023.102182>.

- Wutich, A., Ruth, A., Brewis, A., & Boone, C. (2014). Stigmatized neighborhoods, social bonding, and health. *Medical anthropology quarterly*, 28(4), 556-577. <https://doi.org/10.1111/maq.12124>.
- Yucel, D., & Psaltis, C. (2020). The effects of direct and indirect contact on prejudice: 2007 and 2017 results among Greek Cypriots and Turkish Cypriots. *European Societies*, 22(5), 610-635. <https://doi.org/10.1080/14616696.2020.1793211>.

Anexos

Anexo A. Termo de Consentimento Informado



TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

O presente estudo é um trabalho de conclusão de curso do Mestrado em Psicologia Clínica na Universidade de Évora e está sob responsabilidade da pesquisadora e discente, Beatriz Rosa, sob orientação da Prof. Fátima Bernardo. Este estudo pretende avaliar a identidade, satisfação e bem-estar dos residentes de Évora.

A sua participação é voluntária e não infringe as normas legais e éticas, sendo que todas as respostas são confidenciais, não será recolhido nenhum dado que o permita identificar. Os dados recolhidos serão agregados e analisados em total anonimato. A sua participação é importante, porém, não deve aceitar participar contra a sua vontade, e poderá interromper a sua participação a qualquer momento.

Por favor, seja sincero, não há respostas certas ou erradas, o mais importante para nós é a sua opinião sincera. Não estranhe o facto de algumas declarações poderem ser parecidas com outras a que já tenha respondido. Concentre-se unicamente na resposta à declaração que está a ler no momento e procure responder independentemente das respostas que já tenha dado a outras declarações semelhantes. O questionário demorará entre 7 - 10 minutos a ser concluído.

Em caso de informações adicionais ou esclarecimentos poderá contactar a investigadora, Beatriz Rosa (m53257@alunos.uevora.pt) ou a sua orientadora Prof. Fátima Bernardo (fatimab@uevora.pt).

Ao prosseguir estará a concordar com o consentimento informado para que as suas respostas sejam recolhidas para efeitos de análise.

O questionário destina-se somente a indivíduos maiores de 18 anos, de nacionalidade Portuguesa RESIDENTES DO CONCELHO DE ÉVORA há mais de 7 anos.

Se não é o seu caso não responda a este questionário.

OBRIGADO.

Anexo B. Questionário

Aceita participar nesta pesquisa? Sim ☐ Não ☐

Coloque o número do aluno que lhe pediu para responder. _____

Responda enquanto residente no Concelho de Évora, segundo uma escala, em que 1 corresponde a Discordo fortemente e 7 a Concordo fortemente.

1. Em que medida concorda com as seguintes afirmações?

	1	2	3	4	5	6	7
1. Identifico-me com Évora.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
2. Évora faz parte da minha identidade.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
3. Eu sinto que pertenço a Évora.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4. Sinto-me como parte de Évora.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
5. Não estou satisfeito por viver em Évora.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
6. Em Évora há tudo o que preciso.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
7. Sinto-me feliz por viver em Évora.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
8. Viver em Évora é muito importante para mim.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Responda enquanto residente no Concelho de Évora, segundo uma escala, em que 1 corresponde a Discordo fortemente e 7 a Concordo fortemente.

2. Em que medida concorda com as seguintes afirmações?

	1	2	3	4	5	6	7
1. Mesmo que haja lugares melhores, não vou sair de Évora.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
2. Eu não consigo imaginar deixar Évora para sempre.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
3. Eu nunca considerei que viver noutro lugar seria melhor.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

- | | | | | | | | |
|--|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 4. Eu gosto de acompanhar as mudanças que acontecem neste lugar. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |
| 5. Eu gosto de caminhar por Évora e descobrir novos lugares. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |
| 6. De tempos a tempos descubro novos sítios em Évora. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |
| 7. É mais importante para mim como vivo do que onde vivo. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |
| 8. Eu não quero saber do local onde vivo. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |
| 9. As pessoas não se devem apegar a nenhum lugar. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |

Responda enquanto residente no Concelho de Évora, segundo uma escala, em que 1 corresponde a Discordo fortemente e 7 a Concordo fortemente.

3. Em que medida concorda com as seguintes afirmações?

- | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|--|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1. Ser de Évora dá-me uma sensação de continuidade - entre passado, presente, efuturo. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |
| 2. Ao longo da minha vida senti-me sempre um Eborense. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |
| 3. Mesmo que mude de lugar, vou sentir-me sempre um Eborense. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |
| 4. Ser Eborense faz-me sentir próximo das pessoas daqui. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |
| 5. Ser de Évora faz-me sentir em casa. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |
| 6. Ser Eborense faz-me sentir ligado às pessoas daqui. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |
| 7. Ser de Évora faz-me sentir bem comigo próprio. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |
| 8. Tenho orgulho em ser de Évora. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |

- | | | | | | | | |
|--|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 9. Sinto-me satisfeito por ser Eborense. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |
| 10. Ser de Évora faz-me sentir confiante para enfrentar desafios. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |
| 11. Ser de Évora faz-me sentir eficaz e competente a fazer o que pretendo. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |
| 12. Sinto-me confortável com o estilo de vida de Évora. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |
| 13. Ser de Évora faz-me sentir que somos diferentes. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |
| 14. Ser eborense faz-me sentir especial. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |
| 15. Ser Eborense é ser único. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |

Responda enquanto residente no Concelho de Évora, segundo uma escala, em que 1 corresponde a Discordo fortemente e 7 a Concordo fortemente.

4. Quando estou na cidade de Évora, sinto-me:

- | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 |
|---|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1. Triste e abatido. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |
| 2. Calmo e descontraído. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |
| 3. Enérgico, ativo e empreendedor. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |
| 4. Descontraído e revigorado. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |
| 5. Feliz e satisfeito com a minha vida pessoal. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |
| 6. Satisfeito com a minha situação de vida. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |
| 7. Vivo a vida que quero viver. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |
| 8. Inspirado para lidar com o trabalho atual. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |
| 9. Capaz de lidar com problemas graves ou mudanças na minha vida. | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ | ☐ |

10. A minha vida é cheia de coisas interessantes. ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ ☐

Responda enquanto residente no Concelho de Évora, segundo uma escala, em que 1 corresponde a Discordo fortemente e 7 a Concordo fortemente.

5. Em que medida considera que pessoas destas nacionalidades se encaixam na cidade de Évora?

	1	2	3	4	5	6	7
1. Cidadãos Europeus (Ex. Franceses, Romenos, Alemães).	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
2. Cidadãos Asiáticos (Ex. Índia, Paquistão, Bangladesh).	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
3. Cidadãos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Ex. Angola, Cabo Verde)	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4. Cidadãos dos Países Africanos de Língua Não Oficial Portuguesa (Ex. Marrocos, Nigéria).	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
5. Portugueses.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
6. Brasileiros.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
7. Ciganos.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Responda enquanto residente no Concelho de Évora, segundo uma escala, em que 1 corresponde a Discordo fortemente e 7 a Concordo fortemente.

6. Em que medida considera que cidadãos Europeus (ex. Franceses, Romenos, Alemães) contribuem para:

	1	2	3	4	5	6	7
1. Segurança da cidade.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
2. Desenvolvimento Económico.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
3. Qualidade de Vida.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

7. Em que medida considera que cidadãos Asiáticos (Ex. India, Paquistão, Bangladesh) contribuem para:

	1	2	3	4	5	6	7
1. Segurança da cidade.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
2. Desenvolvimento Económico.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
3. Qualidade de Vida.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

8. Em que medida considera que cidadãos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Ex. Angola, Cabo Verde) contribuem para:

	1	2	3	4	5	6	7
1. Segurança da cidade.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
2. Desenvolvimento Económico.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
3. Qualidade de Vida.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

9. Em que medida considera que cidadãos dos Países Africanos de Língua Não Oficial Portuguesa (Ex. Marrocos, Nigéria) contribuem para:

	1	2	3	4	5	6	7
1. Segurança da cidade.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
2. Desenvolvimento Económico.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
3. Qualidade de Vida.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

10. Em que medida considera que Portugueses contribuem para:

	1	2	3	4	5	6	7
1. Segurança da cidade.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
2. Desenvolvimento Económico.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
3. Qualidade de Vida.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

11. Em que medida considera que Brasileiros contribuem para:

	1	2	3	4	5	6	7
1. Segurança da cidade.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
2. Desenvolvimento Económico.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
3. Qualidade de Vida.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

12. Em que medida considera que os Ciganos contribuem para:

	1	2	3	4	5	6	7
1. Segurança da cidade.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
2. Desenvolvimento Económico.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
3. Qualidade de Vida.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Dados Sociodemográficos

1. Qual a sua idade? _____
2. Qual o seu sexo biológico? Feminino ☐ Masculino ☐
3. Qual o seu estado civil legal?
 - ☐ Solteiro(a)
 - ☐ Casado(a)
 - ☐ Divorciado(a)
 - ☐ Separado(a) mas ainda legalmente casado(a)
 - ☐ Viúvo
4. Qual o nível de escolaridade mais elevado que completou?
 - ☐ Nenhum
 - ☐ Ensino básico 1º ciclo (atual 4º ano/ antiga instrução primária/ 4ª classe)

- ☐ Ensino básico 2º ciclo (atual 6º ano/ antigo ciclo preparatório)
- ☐ Ensino básico 3º ciclo (atual 9º ano/ antigo 5º liceal)
- ☐ Ensino secundário (atual 12º ano/ antigo 7º liceal /ano propedêutico)
- ☐ Ensino pós-secundário (Cursos de especialização tecnológica não superior)
- ☐ Curso técnico superior profissional
- ☐ Licenciatura
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutoramento

5. Qual a sua nacionalidade?

- ☐ Portuguesa por nascimento
- ☐ Portuguesa por aquisição (naturalização, casamento,...)
- ☐ Dupla nacionalidade (portuguesa e outra)

6. Qual a sua naturalidade?

- ☐ Natural do concelho de Évora
- ☐ Natural de outro concelho

7. Indique a freguesia em que reside atualmente. _____

8. Quando pensa em si, em que medida, segundo uma escala, em que 1 corresponde a Discordo fortemente e 7 a Concordo fortemente se considera:

	1	2	3	4	5	6	7
1. Eborense	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
2. Alentejano.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
3. Português.	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
4. Europeu	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

9. Há quanto tempo vive no concelho de Évora? _____

10. Como descreve a sua área de residência?

- ☐ Rural ☐ Urbana ☐ Mista

11. Como você definiria a sua Orientação política?

- ☐ Extrema-Esquerda
☐ Esquerda
☐ Centro-Esquerda
☐ Centro
☐ Centro-Direita
☐ Direita
☐ Extrema-Direita

12. Pense numa ESCADA como representativa da forma como os Portugueses se distribuem socialmente. Em que degrau da escada, segundo uma escala de 1 até 10, se situa?

- ☐ 1 - Pessoas com piores condições de vida (menos dinheiro, educação e/ou piores empregos ou sem emprego).
☐ 2
☐ 3
☐ 4
☐ 5
☐ 6
☐ 7
☐ 8
☐ 9
☐ 10 - Pessoas com melhores condições de vida (mais dinheiro, educação e/ou melhores empregos).

